

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
NÍVEL MESTRADO

FILIPE MIRAPALHETA OLIVEIRA

**O ANJO COMO MENSAGEIRO PESSOAL DE DEUS A PARTIR DA ANÁLISE DO LIVRO DE
TOBIAS**

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
NÍVEL MESTRADO**

FILIFE MIRAPALHETA OLIVEIRA

TÍTULO:

O Anjo como mensageiro pessoal de Deus a partir da análise do livro de Tobias

Porto Alegre

2021

FILIPPE MIRAPALHETA OLIVEIRA

O Anjo como mensageiro pessoal de Deus a partir da análise do livro de Tobias

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em teologia sistemática, pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo

Porto Alegre

2021

FILIPPE MIRAPALHETA OLIVEIRA

O Anjo como mensageiro pessoal de Deus a partir da análise do livro de Tobias

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia Sistemática, pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo (Orientador) – PUCRS

Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes – PUCRS

Prof. Dr. Valmor da Silva – PUCGO

AGRADECIMENTOS À CAPES

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo investimento financeiro em minha pesquisa e incentivo ao aprofundamento dos estudos.

Dedico o presente trabalho aos queridos amigos Antônio e Marlei, cujo testemunho e amizade me fizeram crescer enormemente no amor e devoção aos santos anjos.

“Para aqueles que acreditam, isso fará aumentar a sua fé; para aqueles que não acreditam, eles, no mínimo, ficarão preocupados.”

M.B. Geraldine Nolan

RESUMO

Na angelologia católica, o fenômeno da mediação angélica, no contexto da Revelação, e no contexto eclesial, normalmente ocupou uma posição periférica, e em alguns casos, chegou à negligência. Considerando toda a influência da primazia do processo racional, como única via de compreensão da Revelação, a pesquisa aqui apresentada busca evidenciar a necessidade de resgatar a “revelação personalizada dos anjos”, em seus diferentes fenômenos, ressignificando e retomando, no campo da teologia investigativa, a importância da transcendência na compreensão da Revelação. Por se tratar de uma área pouco desenvolvida, a bibliografia acerca do tema é escassa. Considerando tal realidade e, obviamente, não sendo possível tratar de todo o aspecto angelológico da Revelação em um único trabalho, a pesquisa se restringiu ao Livro Deutero-canônico de Tobias. Após apresentação da angelologia geral, natureza, função e tradição bíblica-cristã, acerca do ser angélico, o trabalho então direciona sua atenção ao Livro específico citado, para tratar objetivamente do anjo enquanto um mensageiro pessoal de Deus.

Palavras-chave: Anjo. Bíblia. Pessoa. Revelação. Tradição. Tobias.

RESUMEN

En la angelología católica, el fenómeno de la mediación angélica, en el contexto de la Revelación, y en el contexto eclesial, ocupaba habitualmente una posición periférica y, en algunos casos, llegaba al olvido. Considerando toda la influencia de la primacía del proceso racional como única forma de entender la Revelación, la investigación aquí presentada busca resaltar la necesidad de rescatar la “revelación personalizada de los ángeles”, en sus diferentes fenómenos, resignificando y retomando, en el campo de la teología investigadora, la importancia de la trascendencia en la comprensión de la Revelación. Al tratarse de un área poco desarrollada, la bibliografía sobre el tema es escasa. Teniendo en cuenta esta realidad y, claramente, no ser posible abordar todo el aspecto angelológico de la Revelación en una sola obra, la investigación se restringió al Libro Deuterocanónico de Tobías. Después de presentar la angelología general, la naturaleza, la función y la tradición bíblico-cristiana sobre el ser angelical, la obra dirige su atención al Libro específico citado, para dirigirse objetivamente al ángel como un mensajero personal de Dios.

Palabras clave: Ángel. Biblia. Persona. Revelación. Tradición. Tobías

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O ANJO: NATUREZA E FUNÇÃO	11
2.1 O ser criado à imagem e semelhança de Deus.....	11
2.2 O anjo é imagem e semelhança de Deus – Breve introdução à angelologia na Tradição bíblico-cristã	18
2.3 O mundo angélico: Como os anjos se relacionam entre si.....	25
2.3.1 Serafins	27
2.3.2 Querubins.....	28
2.3.3 Tronos	29
2.3.4 Dominações	31
2.3.5 Potestades	32
2.3.6 Principados.....	32
2.3.7 Virtudes	33
2.3.8 Arcanjos	34
2.3.9 Anjos	35
3 O ANJO É UM SER DE RELACIONAMENTO	36
3.1 O anjo se relaciona com Deus	36
3.2 O anjo se relaciona com o messias.....	37
3.3 O anjo se relaciona com o ser humano.....	38
3.4 O anjo se relaciona com a Igreja.....	40
3.5 O anjo se relaciona com o mundo e as nações.....	41
4 O ANJO É UM MENSAGEIRO PESSOAL	43
MAPA DA MÉDIA ANTIGA	45
5 O LIVRO DE TOBIAS	46
5.1 Introdução ao livro de Tobias: uma novela teológica	46
5.2 O conteúdo dos diálogos do anjo com os demais personagens.....	49
5.3 A angelologia no livro de Tobias: o conceito de mensageiro pessoal aplicado ao anjo, no livro de Tobias.....	63
5.4 Finalidade da presença do anjo no livro de Tobias e sua mensagem angelológica fundamental	68
5.5 Atualidade da mensagem do livro de Tobias.....	69
6 CONCLUSÃO	72

REFERÊNCIAS.....75

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como foco a pesquisa acerca do conceito de revelação pessoal do ser angélico. A análise consiste em evidenciar o fenômeno da mediação angélica como um ato pessoal, e não simbólico, mostrando o anjo como mensageiro de Deus, e não apenas como manifestação ou expressão divina. Para melhor delimitar a pesquisa, optamos pela análise do livro de Tobias. Se é obra de ficção ou relato histórico, não nos ateremos a discorrer acerca das análises textuais históricas do livro, mas ao seu conteúdo, sobretudo no que diz respeito ao caminho da fé judaica, herdada pelos cristãos. Sem dúvida alguma, semelhante ao livro de Daniel, considerando apenas os livros do Antigo Testamento, o livro de Tobias é aquele que apresenta uma angelologia consideravelmente elaborada. Por isso, optamos por delimitar a pesquisa a esse livro, para facilitar o diálogo no que tange à personalidade do anjo.

O livro de Tobias pode ser compreendido como um romance, ou novela bíblica. Possui características ficcionais demonstradas nas inexatidões históricas, e manipulações literárias de tempo e personagens. No entanto, há teólogos que defendem que o livro possui, também, elementos históricos. O propósito do livro é, claramente, didático. A mensagem central é a de que Deus é, de fato, justo e livre; o sofrimento não é uma punição, mas purificação, e os leitores são convidados a confiar na providência divina que, através de seus mensageiros, faz refletir sua misericórdia e justiça. Tomando o próprio livro de Tobias como fundamento da pesquisa, bem como os diversos dicionários bíblicos, comentários e outros autores que discorreram acerca do livro, e dos anjos em geral, queremos neste projeto, adentrar a análise do personagem Rafael, descrito como Arcanjo¹ pelo autor deutero-canônico, e destrinchar as características que evidenciam a personalidade do ser. Ainda que o protagonista da graça seja Deus mesmo, é evidente que existe uma mediação angélica, e esta mediação não é meramente simbólica, ou apenas ilustrativa, mas trata-se de um ser mesmo, como crê a Igreja, com personalidade e características próprias que, atendendo ao pedido do Deus Altíssimo, vem em socorro da humanidade.

¹ A Tradição, com base na Revelação reconhece ainda outras categorias como os Serafins, Querubins, Dominações e etc. Todos, porém, são considerados "Anjos". Uma das evidências é o prefácio da festa dos Santos Anjos, encontrado no Missal Romano.

Este Trabalho, portanto, deseja oferecer uma contribuição relevante no estudo da comunicação personalizada dos anjos na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja. A angelologia, considerada área periférica na Teologia, possui ainda muitos campos abertos a serem investigados e desenvolvidos. Pesquisar acerca de um tema, que muito tenha sido contemplado nos diversos trabalhos acadêmicos, pode apenas aprofundar o já pesquisado. Uma contribuição considerável consiste em adentrar nas áreas pouco pesquisadas, para que a amplitude da Teologia possa ser evidenciada.

Se formos um pouco mais adiante, e analisarmos o fenômeno midiático, por exemplo, considerando os últimos vinte anos, com uma produção cinematográfica, televisiva e literária, que envolve o tema “anjos e demônios” com uma popularidade cada vez mais evidente,² é plausível o questionamento da concepção que esses fenômenos possuem em relação à doutrina católica. Esta abordagem nos concederia, ainda, um panorama relativamente amplo do desenvolvimento desta categoria teológica na cultura, abrindo ainda mais oportunidades futuras de pesquisa.

² Podemos citar diversos exemplos, como os filmes: “Advogado do Diabo” de 1997, “Fim dos dias” de 1999, “Invocação do Mal” de 2013, 2016 e 2021, “Livrai-nos do mal” de 2014, “Annabelle” de 2014, 2017 e 2019, “A Freira” de 2018. “Constantine” de 2005, dentre outros. Também podemos citar algumas séries como “Supernatural” iniciada em 2015, “Apparitions” de 2008, “Lúcifer” iniciada em 2016 e popular até hoje, dentre outras que seguem o mesmo tema.

2 O ANJO: NATUREZA E FUNÇÃO

2.1 O ser criado à imagem e semelhança de Deus

Antes de afirmar, que o anjo é um ser criado à imagem e semelhança de Deus, é necessário abordar, de modo resumido, o homem, enquanto imagem e semelhança divina. Tal necessidade surge para que possamos, de uma forma comparativa, confirmar tal sentença teológica de modo que facilite a compreensão do objetivo desta dissertação.

A condição sobrenatural do homem refere-se diretamente a sua natureza e dignidade como ser humano, criado por Deus a sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26). Este dado da Revelação, que diz sobre o homem ser criado à imagem de Deus, define sua posição específica no conjunto de seres criados. Na concepção da antropologia bíblica, o homem se define, identifica-se e se reconhece como ser relacional aberto ao transcendente (cf. Gn 2,15-17).

O homem é imagem porque é senhor das criaturas e representante de Deus no governo dos demais seres na criação (cf. Gn 2,19-20). O segundo capítulo do livro do Gênesis evidencia esta ideia, indicando ser tarefa do homem dar nome aos animais, guardar e cultivar o jardim. Para a Sagrada Escritura, todo ser humano, e apenas o ser humano, dentre os seres visíveis, é imagem de Deus. O “ser imagem” define seu ser, e isto é algo que o homem sempre é: nada pode privá-lo de tal estado, nem mesmo o pecado ou a revolta. No entanto, o aprofundamento através da teologia foi mais adiante em tal questão. Há semelhança entre o homem e Deus porque somente eles têm consciência e liberdade, dirigindo tais faculdades um para o outro, estabelecendo uma relação. A liberdade e a consciência constituem o princípio de tudo o que Deus e o homem fazem.

O conceito de pessoa no desenvolvimento da antropologia teológica aborda justamente este aspecto. Ainda que o conceito de pessoa tenha sido elaborado, em primeiro lugar, para resolver questões de natureza trinitária e cristológica, mais tarde serviu para compreender e aprofundar a própria realidade do homem. O conceito foi formulado primeiramente num contexto de reflexão teológico-cristã, para tentar resolver questões levantadas sobre a Trindade¹ (três deuses ou um Deus?) e sobre

¹ DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. 40.ed. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2007. 1467p. p. 63, 76, 138, 165 e 301.

a encarnação de Jesus (Deus ou homem?).² A pretensão de tal reflexão não era explicar filosoficamente o homem como pessoa, mas a fé num Deus, que era três e um, e na segunda pessoa dessa Trindade como homem, sem deixar de ser divino.

O binômio (imagem e semelhança) pode ser interpretado de diversas maneiras. Uma delas seria ver na imagem o elemento constante e invariável, e na semelhança o processo dinâmico de constante e ininterrupta aproximação de Deus, em sua perfeição e intimidade. Assim, o pecado (original) teria feito o homem perder a sua semelhança própria da graça,³ pois toda imagem tem alguma semelhança com o original, mas não “o ser imagem”. A redenção, sob este aspecto é vista, portanto, como restauração da imagem que perdera a semelhança. Em outras palavras, a redenção é a restauração da harmonia entre homem e Deus, na qual estavam estabelecidas a justiça e a graça.⁴

A Antropologia Veterotestamentária do binômio é interpretada cristologicamente no Novo Testamento. A fé cristã se torna referência hermenêutica para os escritores neotestamentários, não somente numa perspectiva de atualização e leitura dos textos do Antigo Testamento, mas, sobretudo, pela experiência pessoal com Jesus, que os mesmos escritores do Novo Testamento desejam que o leitor faça. Paulo é quem vai tratar mais especificamente do tema (cf. 1Cor 11,7), no desenvolvimento de sua reflexão teológica. Na perspectiva paulina, Adão é visto como promessa de Cristo. No Novo Testamento, Cristo é o Adão definitivo, o Novo Adão. Cristo é a imagem perfeita do antigo Adão, que é imagem esboçada, orientada para a imagem plena (cf. Rm 5,17).

Uma observação importante é que em Paulo não se encontra a referência de Jesus como o Filho do Homem, distinguindo-se dos Evangelhos. Paulo usa, na verdade, a tipologia do novo Adão. Portanto, Paulo se inspira mais no Gênesis do que em Daniel 7 ou Ezequiel. A cristologia do Filho do Homem não focaliza com a perspectiva do novo fundador da nova raça do ser humano. Nesse sentido, a teologia do novo Adão é mais universal do que aquela do Filho do Homem. A teologia do novo Adão trabalha com o conceito de ser humano, abrindo espaço para inclusão tanto de judeus quanto de gentios, já que são humanos igualmente.⁵

2 DENZINGER, Heinrich. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. 40.ed. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2007. 1467p. p.107.

3 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 934p. p.112, n.396.

4 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 934p. p.113 n.400.

5 AZEVEDO, Walmor Oliveira de. Repercussões hermenêuticas da cristologia paulina. www.cnbb.org.br, 2008. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/repercussoes-hermeneuticas-da-cristologia-paulina/>. Acesso em 05 de junho de 2018.

Assim a Cristologia se torna o ápice da orientação antropológica do Antigo Testamento. Cristo é a verdadeira imagem de Deus e do homem. Na carta aos Colossenses,⁶ Paulo afirma ser Cristo a imagem do Deus invisível, ou seja, o Deus que não podia ser visto nem nomeado se revela em seu Filho, imagem perfeita do Pai. Para Paulo, está claro que Cristo não é uma cópia do original, mas o próprio original. O conhecimento da tradição midráschica como método rabínico para a interpretação das Escrituras, bem como o *pesher* da escola de Qumrã, ajudam Paulo na configuração de uma nova perspectiva hermenêutica acerca da pessoa de Jesus Cristo. A fé cristológica de Paulo, que determina fortemente sua hermenêutica, não é determinante apenas no que diz respeito ao conhecimento teórico e histórico. Este tipo de conhecimento ele qualifica como “conhecimento segundo a carne” (cf. 2Cor 5,16). Para Paulo, o encontro com Jesus Cristo “Constituído Filho de Deus” e ressuscitado dentre os mortos é o que conta. (cf. Rm 1,3).

É a ressurreição que, naturalmente, determina e configura essa força própria da pessoa de Cristo como critério hermenêutico insubstituível para a releitura e compreensão dos textos da escritura e da própria vida. A morte de Cristo, seguida de sua ressurreição, é a fonte inesgotável do amadurecimento da Cristologia de Paulo, tornando-se o núcleo central do querigma/kérygma que ele recebeu e anuncia como fundamento de sua fé cristã. É a morte de Cristo Ressuscitado que tem a propriedade de configuração de sua perspectiva de fé. Assim, sua fé cristológica é configurada a partir de muitos títulos atribuídos a Cristo, como ‘Senhor’, ‘Filho’, ‘Salvador’. Na epístola a Tito, ele sublinha que os cristãos vivem na espera da vinda do “nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo” (Tt 2,13), reafirmando o seu papel único e insubstituível de mediador, evitando qualquer tipo de favorecimento de compreensão e práticas sincréticas. Essa mediação única e insubstituível de Cristo o localiza também numa relação única com Deus. Usando emprestada a linguagem da Bíblia, em referência à sabedoria criadora e reveladora que é chamada de ‘imagem’ de Deus, Paulo apresenta Cristo como ‘imagem de Deus’ e o ‘primogênito’ (cf. II Cor 4,4; Rm 8,29; Cl 1,15). Não menos importante é o uso que ele faz da tradição cristã primitiva para a formulação de sua fé cristológica.⁷

É a própria realidade de Deus presente na história humana. “Sendo assim, o brilho da imagem de Cristo tem a mesma intensidade e profundidade que o brilho do próprio Deus”.⁸ Santo Agostinho vê na alma do homem a imagem de Deus. “E,

6 Especificamente em Cl 1,15.

7 AZEVEDO, Walmor Oliveira de. Repercussões hermenêuticas da cristologia paulina. www.cnbb.org.br, 2008. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/repercussoes-hermeneuticas-da-cristologia-paulina/>. Acesso em 05 de junho de 2018.

8 OLIVEIRA, Renato Alves de. A antropologia da imagem de Deus: uma aproximação bíblico-teológica. Interações – cultura e comunidade. Uberlândia: PUCMINAS, 2012. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/html/3130/313028475006/> >. Acesso em 03 Jun 2018.

certamente, uma grande coisa é o homem, pois feito à imagem e semelhança de Deus! Não é grande coisa enquanto encarnado num corpo mortal, mas sim enquanto é superior aos animais pela excelência da alma racional.”⁹

Para Santo Agostinho o ser humano é uma alma racional que utiliza o corpo como instrumento. É justamente na alma racional do homem que ele vê a imagem do Deus Trino. Santo Agostinho não identifica a imagem de Deus no homem com uma das pessoas da Trindade, mas com a “tri-unidade” das pessoas.

Na ordem da criação, Santo Agostinho atribuiu à alma aquilo que seria cara à natureza humana: carregar a imagem da Trindade, ou a imagem de Deus; o homem, portanto, em sua alma era *imago Trinitatis*. Com isso se abstrai do pensamento agostiniano, sobretudo do que deixou registrado no seu tratado *A Trindade*, que se pode identificar nas criaturas (entenda-se aqui aquilo que é de natureza material) apenas *vestigium* de Deus, ao passo que no homem, por sua alma, pode-se identificar a *imago Dei*.¹⁰

A alma racional do homem é a imagem de Deus pela sua capacidade de conhecê-lo e amá-lo. Santo Agostinho analisa a alma racional do homem trinitariamente, considerando a inteligência, o conhecimento e o amor. Ainda mais adiante, Agostinho apresenta outra tríade: considerando a memória, a inteligência e a vontade. Essas duas tríades – ora ocorrendo a primeira, ora a segunda – apresentam três faculdades que são inseparáveis, e formam uma unidade no homem, evidenciando a imagem do Deus Trino nele. Para Santo Agostinho, o que acontece na Trindade Santíssima, dá-se de modo análogo na alma humana.

Um dos exemplos dados no corpo dos escritos agostinianos para se identificar na alma essa imagem da Trindade está na posse de três faculdades: (1) memória, (2) inteligência e (3) vontade, que, segundo ele, por não serem três substâncias, e sim, uma só, fazem alusão à marca trinitária do Criador na sua criatura (De Trin., X, 11, 17). Dessa forma, ao explicar as distinções das funções dessas faculdades, Santo Agostinho acreditou identificar não só uma trindade, mas a imagem da própria Trindade (Deus), embora “somente na parte racional, referente à contemplação das coisas eternas” (De Trin., XII, 4, 4), ou seja, intelectualmente, nunca sensitivamente: Entretanto, o “encontro” com a verdadeira imagem da Trindade está na parte superior da alma, na mente (*mens*) (De Trin., XV, 7, 11), onde se conhece a Deus ou onde surge a possibilidade de conhecê-lo. Para tal, mesmo sendo a natureza da alma

9 AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 254-430. *A Doutrina Cristã: Manual de exegese e formação cristã*. São Paulo, Paulinas, 1991. 386p. p.67.

10 PIRATELLI, Marcos Roberto. *O Conceito de Homem em Santo Agostinho*. www.ppe.uem.br, 2009. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/66.pdf>. p.9. Acesso em 08 de junho de 2018.

diferente da natureza de Deus [“El alma no es parte de Dios” (Ep., 166, 2, 3)], era nela que o homem deveria procurá-lo e encontrá-lo.¹¹

São Tomás de Aquino define a imagem como “semelhança derivada específica”.¹² Todos os seres possuem alguma semelhança com Deus, mas somente o homem reproduz, na escala da criação, o que é específico de Deus, o que distingue as pessoas, o que motiva a criação, a saber: a inteligência e o amor. Só o homem, entre os seres criados, é dotado dessas características que falam à matéria em seu corpo. As demais criaturas trazem um vestígio de Deus, mas não a sua imagem.

Tomás de Aquino também ocorre à definição de pessoa de Boécio,¹³ e a amplia, levando em consideração a substancialidade da pessoa, e recobrando nela o caráter relacional: relação que, segundo a sua concepção essencial, expressa um vínculo a outra coisa. Tomás de Aquino incorpora a noção de relação, no conceito de pessoa, e deste modo ressalta o caráter individual desta, ou seja, o que distingue a mesma dos outros. A pessoa é uma substância individual. O seu valor, portanto, não se fundamenta em como ela se manifesta, senão sobre aquilo que ela é enquanto tal.

Pessoa é a substância individual de natureza racional (*Persona est rationalis naturae individua substantia*). Pessoa significa o que há de mais perfeito em toda natureza, a saber, o que subsiste em uma natureza racional (*persona significat id quod est perfectissimum in tota natura, scilicet subsistens in rationali natura*). Ora, tudo o que diz perfeição deve ser atribuído a Deus, pois sua essência contém em si toda perfeição. Convém, portanto, atribuir a Deus este nome de pessoa. Não, porém, da mesma maneira como se atribui às criaturas [...] Com efeito, como nas comédias e tragédias se representavam personagens célebres, o termo pessoa veio a designar aqueles que estavam constituídos em dignidade. Daí o uso nas igrejas de chamar personalidades àqueles que detêm alguma dignidade. Por isso, alguns definem pessoa dizendo que é uma hipóstase distinta por uma qualidade própria à dignidade (*persona est hypostasis proprietate distincta ad dignitatem pertinente*). Ora, é grande dignidade subsistir em uma natureza racional. Por isso, dá-se o nome de pessoa a todo o indivíduo dessa natureza. Mas a dignidade da natureza divina ultrapassa toda dignidade, por isso, o nome de pessoa ao máximo convém a Deus.¹⁴

11 PIRATELI, Marcos Roberto. O Conceito de Homem em Santo Agostinho. www.ppe.uem.br, 2009. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/66.pdf>. p.9. Acesso em 08 de junho de 2018.

12 AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. 2ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Livraria Sulina Editora; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1980. – Vol. I. p. 323.

13 Anício Mânlio Torquato Severino Boécio (em latim: Anicius Manlius Torquatus Severinus Boethius, Roma, ca. 480 — Pavia, 524 ou 525), conhecido como Severino Boécio ou simplesmente Boécio, foi um filósofo, poeta, estadista e teólogo romano, cujas obras tiveram uma profunda influência na filosofia cristã do Medievo. Inclui-se entre os fundadores da Escolástica. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Boécio>.

14 AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. 2º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016. Vol 1. 699p. p.532.

Seguindo a tradição agostiniana, São Tomás de Aquino concebe o homem como imagem de Deus, porém imperfeita, pois está distante ontologicamente do seu modelo. A semelhança que o homem nutre com Deus não é sinônimo de igualdade substancial, porque o modelo ultrapassa infinitamente o modelado, quer dizer, a imagem original supera a imagem cópia.

Ao afirmar que o homem foi criado à imagem de Deus, a preposição “a” tem um caráter de proximidade, não de igualdade. A imagem de Deus se encontra presente no ser humano em virtude de sua racionalidade. Para São Tomás de Aquino, é justamente pela categoria do ser “imagem de Deus” que se pode distinguir as criaturas racionais das irracionais. Considerando a natureza racional do homem como a que o qualifica ser capaz de conhecer, amar e imitar a Deus, ela garante ao homem a condição de imagem de Deus.

Santo Irineu de Lyon, autor anterior a Santo Agostinho e São Tomás, por outro lado, fazendo análise diversa, afirmam ser o homem imagem no seu ser corporal, pois o próprio da imagem é ser visto, na sua capacidade de traduzir em termos visíveis, o invisível.

Irineu visa principalmente o corpo humano, como lugar da ação salvífica de Deus. Todo o desenrolar da Economia Salvífica consiste em preparar o corpo para receber a incorruptibilidade através da participação na Vida de Deus.¹⁵

Irineu de Lyon vê no corpo, animado pelo Espírito Santo, a imagem de Deus. Santo Irineu tem uma visão otimista da humanidade numa época marcada pela hostilidade à natureza humana. Obviamente seu otimismo pela condição humana não pressupõe que o homem consiga chegar por si só a divinização (a questão, mais tarde desenvolvida pela mística renano-flamenga, do “Deus que se fez homem para que o homem seja feito Deus”).¹⁶

É na humanidade de Cristo que ele concebe o homem tornado, pela graça, o que Jesus é por natureza. Surgem, então, vários tipos de imagem que podem ser consideradas como base para a analogia. A imagem especular que sugere uma correspondência entre o original e a reprodução, a imagem artesanal, ou artística, que tem como característica a capacidade de conferir uma forma visível a realidades

15 DAMIÃO, Sérgio Albuquerque. Antropologia de Santo Irineu. PUCRIO, 2007. Disponível em: http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2007/relatorios/teo/teo_sergio_albuquerque_damiao.pdf. Acesso em 08 de junho de 2018.

16 LACOSTE, Jean-Yves. Dicionário Crítico de Teologia. São Paulo: Paulinas; Edições Loyola, 2004. 1967 p.1520

invisíveis, ou traduzir valores interiores escondidos, ou ainda, a imagem biológica, que supõe a geração, e por isso, serviria apenas para o Filho, imagem do Pai: não para o ser humano que é criado, e não gerado.

Deixar-se fazer é se colocar nas mãos do Criador oferecendo a Ele o que d'Ele tem o gênero humano recebido. Entregar-se em corpo e alma. Desta maneira a “plasis” humana receberá em si a arte de Deus e será sua obra perfeita. Na obra de Ireneu não há nenhuma menção sobre as potências ou substâncias da alma. Tão pouco discorre sobre as noites escuras do sentido. Não lhe ocorre desenvolver a ação de Deus sobre o homem pelo caminho da purificação das potências da alma, ou dos sentidos do corpo. Ireneu simplifica. A resposta do plasma há de ser tão simples como cabe esperar de criatura tão humilde. Ao homem é pedida a oferta do que é, pelo caminho simplicíssimo da fé e docilidade, onde Deus fará o resto.¹⁷

Tertuliano segue a mesma escola de Santo Ireneu. A antropologia tertuliana concebe a unidade do ser humano com ênfase na corporeidade. Para ele, não há uma subordinação do corpo em relação à alma, mas uma relação de comunhão e unidade. O ser humano é um “todo corpo e todo alma”. O enfoque na corporeidade como unidade do ser, permite a Tertuliano afirmar que o corpo é o eixo da salvação. O corpo será o elo entre o velho Adão e o novo Adão. “O corpo é o elemento que garante a identidade e a continuidade do ser humano em sua condição terrena e ressuscitada. Cristo é o Adão verdadeiro, o ‘ômega’, que esclarece, ilumina e realiza o ‘Adão Alfa’, o primeiro”.¹⁸

A antropologia de Ireneu e Tertuliano são intimamente ligadas à cristologia. Para ambos, não se pode aprofundar o mistério do homem sem ter como referência o Cristo. O ser humano, analisado em sua dimensão corporal, é visto como imagem de Deus a partir de Cristo.

Diante destas distinções surge a pergunta: de que exatamente o homem é imagem? Ainda que não corresponda ao sentido literal bíblico, a resposta mais adequada teologicamente seria a “do Filho”, pois só Ele é “A Imagem”, que o homem tem por exemplar, ou seja, o “Filho-imagem”, pois é ele feito pelo Pai segundo essa sua única Imagem, o “Filho-Verbo”. O homem seria, portanto, imagem e semelhança de Deus encarnado, de Deus Filho, a Imagem do Deus invisível, o Unigênito, o Primogênito de toda criação.

17 DAMIÃO, Sérgio Albuquerque. Antropologia de Santo Ireneu. PUCRIO, 2007. Disponível em: http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2007/relatorios/teo/teo_sergio_albuquerque_damiao.pdf. Acesso em 08 de junho de 2018.

18 HAMMAN, Albert Gautier. IN: OLIVEIRA, Renato Alves de. A antropologia da imagem de Deus: uma aproximação bíblico-teológica. Interações – cultura e comunidade. Uberlândia: PUCMINAS, 2012. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/html/3130/313028475006/>>. Acesso em 03 Jun 2018.

Em termos modernos, pode-se dizer que o homem é imagem de Deus porque é um ser de relação, assim como Deus é um ser de relação, um ser pessoal.¹⁹ Como pessoa, o homem – e cada homem – é irreduzível a outro homem, ou a outro ser, isto é, não há sequer fusão com Deus, nem com a natureza: não há como deixar de ser o que é.

Afirmando que o conceito de pessoa possui um valor teológico, indicamos que a pessoa humana encontra sua origem e fundamento em Deus, que busca a relação com os homens. O Deus bíblico é um Deus vivo, que cria o homem em vista de uma comunicação pessoal com Ele, no conhecimento e no amor. O chamado à vida eterna é um chamado à participação na intimidade divina. Esta imagem de Deus possibilita o verdadeiro diálogo com a divindade, já que, por natureza, o homem está inclinado para Deus, na relação com Ele e, só Nele, encontra sua perfeição. Deus, como pessoa, chama o homem pessoalmente, para estabelecer com Ele uma relação de amizade.

A pessoa não é um ser fechado, mas um ser chamado à comunhão interpessoal, porque a sua estrutura constitutiva tende ao diálogo. Ela compreende a si mesma, quando compreende que está orientada para Deus.

2.2 O anjo é imagem e semelhança de Deus – Breve introdução à angelologia na Tradição bíblico-cristã

A partir da noção do ser imagem e semelhança de Deus no homem, perguntamo-nos, agora, acerca do anjo. Uma angelologia elaborada a partir da perspectiva da pessoa encontra as fontes iniciais para o seu desenvolvimento na Sagrada Escritura, que apresenta os anjos como seres pessoais que estão diante de Deus, e atuam como seus mensageiros. Não vemos os anjos como seres despersonalizados na Sagrada Escritura. Pelo contrário, tanto o Antigo como o Novo Testamento consideram os anjos como seres dotados de personalidade, representantes do mundo celeste, como mensageiros que tomam parte no governo do mundo, e apresentam as orações dos homens a Deus. São “Símbolo do invisível, das forças que sobem e descem entre a origem e a manifestação. Neste caso, como

¹⁹ AGUSTÍN. IN: OLIVEIRA, Renato Alves de. A antropologia da imagem de Deus: uma aproximação bíblico-teológica. Interações – cultura e comunidade. Uberlândia: PUCMINAS, 2012. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/html/3130/313028475006/>>. Acesso em 03 Jun 2018.

em outros, qual o da cruz, o fato simbólico não modifica o fato real”.²⁰ O dicionário Bíblico nos apresenta o seguinte conceito:

Anjo (do lt. *angelus*, transcrição do gr. *angelos*, termo usado na LXX para traduzir o hebr. *mal'ak*, “mensageiro”; segundo a doutrina cristã, é um espírito celeste). 1. AT. I. O anjo de *lahweh*. No Antigo Testamento, a forma mais primitiva de fé nos anjos parece ter sido a do “mensageiro de *lahweh*”. O mensageiro aparece a Agar no deserto (Gn 16,7ss. 21,17ss), dispensa Abraão de sacrificar Isaac (Gn 22,11ss) e protege o servo de Abraão em sua viagem para encontrar uma mulher para Isaac (Gn 24,7.40). Fala a Jacó em sonho (Gn 31,11), protege-o de todo mal (Gn 48,16) e luta com ele em Fanuel (Gn 32,24ss). Aparece a Moisés na sarça ardente (Ex 3,2) e conduz Israel através do mar Vermelho e do deserto (Ex 14,19; 23,20; 33,2; Nm 20,16). Barra a passagem de Balaão na estrada, quando ele vai se encontrar com Balac (Nm 22,22ss). Provavelmente, é também o homem que aparece a Josué nas proximidades de Jericó (Js 5,13ss), o “chefe do exército de *lahweh*”. Fala aos israelitas em Boquim (Jz 2,1ss) e à mãe de Sansão (Jz 13,3ss). Como anjo exterminador da peste, aparece a Davi na eira de Areúna (2Sm 24,16ss; 1Cr 21,15ss). Aparece a um profeta em Betel (1Rs 13,18) e a Elias durante a sua viagem ao Horeb (1Rs 19,7) e antes do seu encontro com os mensageiros de Ocozias (2Rs 1,15). E também destrói os assírios diante de Jerusalém (2Rs 19,35; 2Cr 32,21; Is 37,36). Nos livros de Samuel e dos Reis, não aparece outras vezes, mas nos diálogos é usado como exemplo de fidelidade (1Sm 29,9), de sabedoria (2Sm 14,20) e de força (2Sm 19,28).²¹

Na Sagrada Escritura, há também a questão da representatividade. Deus e anjo, por vezes, assumem o mesmo papel ou parecem ser o mesmo ser. O anjo, mensageiro de Deus, por vezes se confunde com o próprio Deus, tornando-se uma manifestação divina. Em Is 63,9, por exemplo, não é um mensageiro, nem um anjo que liberta Israel, mas a presença mesma de *lahweh*. Tais momentos, porém, não parecem excluir a personalidade própria destes seres.

(...) Também é evidente que não se pode distinguir claramente o Anjo-mensageiro de *lahweh* do próprio *lahweh* (cf. Gn 16,13; 21,18; 31,13; Ex 3,2ss; Jz 6,14; 13,22). Deduz-se que o Anjo é um enviado de *lahweh* para falar em seu nome ou em seu nome realizar maravilhas, coisas que em outros lugares *lahweh* realiza sem intermediários. (...)²²

A ideia, claramente difusa nos Escritos Sagrados, da existência de uma corte celeste, acompanha o desenvolvimento teológico da fé de Israel. Apesar da influência mesopotâmica e persa, não é unânime entre os teólogos, que o desenvolvimento da angelologia judaico-cristã derive, unicamente, desta influência.

20 CIRLOT, Juan-Eduardo. Dicionário de símbolos. [tradutor Rubens Eduardo Ferreira Frias]. 4.ed. São Paulo: Centauro Editora, 2005. 614p. p.84.

21 MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. [Tradução de Álvaro Cunha] 9.ed. São Paulo: Paulus, 2005. 979p. p.45 a 47.

22 MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. [Tradução de Álvaro Cunha] 9.ed. São Paulo: Paulus, 2005. 979p. p.45 a 47.

(...). A ideia de uma corte celeste deriva facilmente da concepção de lahweh como rei e senhor. Não é necessário recorrer às religiões persas ou mesopotâmicas para explicar o desenvolvimento dessa ideia em Israel, embora essas fontes possam ter originado algumas de suas características representativas. (...) ²³

É evidente a importância destes seres na Revelação, apesar de evidenciarmos muito mais dados acerca de sua função, que de sua natureza. Sua função, muito mais que representativa, aparece por diversas vezes, como ativa em determinados casos. Podemos citar diversas ocasiões. McKenzie enfatiza a importância dos anjos, sobretudo, nos evangelhos da infância, como os avisos dados a José, próximo ao nascimento de Jesus (cf. Mt 1,20), da fuga para o Egito (cf. Mt 2,13), do retorno (cf. Mt 2,19), o anúncio do nascimento de João Batista (cf. Lc 1,11ss), e a Maria do nascimento de Nosso Senhor (cf. Lc 1, 26ss). Durante a vida adulta de Jesus, o auxílio angélico continua evidente, como durante as tentações no deserto (cf. Mt 4,11; Mc 1,13), a consolação durante sua agonia (cf. Lc 22,43), na ressurreição de Jesus há a presença de anjos que testemunham o fato (cf. Mt 28,2; Lc 24,23; Jo 20,12). McKenzie apresenta ainda uma outra série de exemplos da participação ativa dos anjos na história da salvação.

(...) também aparecem como corte celeste que acompanha o Senhor (Lc 12,8s; 15,10), dando-se a entender que a ela Deus manifesta os seus desígnios (Mt 24,36). Provavelmente, em Mt 18,10, os anjos devem ser entendidos como custódios dos pequeninos. Da mesma forma, Jesus poderia convocar os anjos para libertá-lo daqueles que o prendiam (Mt 26,43). São os anjos que levam Lázaro para o seio de Abraão (Lc 16,22). O anjo da piscina de Betesda não se encontra em quase nenhum dos manuscritos principais e não faz parte do evangelho original (Jo 5,4). Os anjos também são ministros do juízo de Deus na parusia: reúnem os pecadores para o julgamento (Mt 13,41.49), acompanham o Filho do Homem em sua vinda (Mt 16,27; Mc 8,38; Lc 9,26), reúnem os eleitos (Mt 24,31; Mc 13,27). (...)

(...). Um anjo liberta Pedro e João da prisão (At 5,19) e outro anjo liberta Pedro do cárcere (At 12,7ss). É um anjo que diz a Cornélio que procure Pedro (At 10,3ss) e a Filipe que tome a estrada de Gaza, onde encontrará o eunuco da rainha da Etiópia (At 8,26). Um anjo aparece em sonho a Paulo durante a viagem para Roma e lhe assegura que todos os que estavam no navio se salvariam (At 27,23). Um anjo castiga Herodes Agripa com uma doença mortal (At 12,23). Nas epístolas, os anjos já não se acham tão presentes. Eles testemunham os sofrimentos dos cristãos (1Cor 4,9) e têm uma presença invisível nos serviços litúrgicos (1Cor 11,10). O respeito aos anjos exige que as mulheres cubram os cabelos, que são a sua glória, para que possa aparecer a glória de Deus. Satanás também tem os seus anjos (2Cor 12,7) e pode se transfigurar em anjo de luz (2Cor 11,14). (...) ²⁴

23 MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. [Tradução de Álvaro Cunha] 9.ed. São Paulo: Paulus, 2005. 979p. p.45 a 47.

24 MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. [Tradução de Álvaro Cunha] 9.ed. São Paulo: Paulus, 2005. 979p. p.45 a 47.

Também o Magistério da Igreja nos dá uma definição de anjo. O magistério eclesial se preocupou um pouco mais com a natureza deste ser. Um anjo é um ser puramente espiritual, quer dizer, que não possui materialidade, corpo. São seres espirituais, criados antes do mundo físico. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, a profissão de fé do Quarto Concílio de Latrão afirma:

Deus desde o começo do tempo fez de imediato, quer dizer, do nada, ambas as criaturas, as espirituais e as corpóreas, isto é, o angélico e o terrestre, e então, a criatura humana, que, por assim dizer, compartilhava as duas ordens, sendo composta de espírito e corpo.²⁵

Os Santos Padres, embora de acordo com a função que exercem os anjos, não possuem unanimidade em relação à natureza dos mesmos. Alguns, ao que parece, admitem a individuação do espírito angélico por uma corporeidade sutil dita espiritual. Mas isso começa a se ajustar quando se adentra o estudo do tempo, pois o que é corpóreo deve estar “inserido” de alguma forma no tempo. Ao anjo se reconhece uma duração interior, que é superior ao tempo cósmico, mas inferior à eternidade divina, definida por Boécio como a “simultaneidade de todos os momentos”, e que é denominada “Aevum”, eviternidade. Esse seria o “tempo dos anjos”, uma das alternativas para explicar sua inserção na sucessão de fatos históricos sem necessariamente possuírem corporeidade. Os anjos, segundo esta tese, experimentam, portanto, uma sucessão de eventos de modo particularmente único.

Em seguida, a definição não diz respeito a qualquer tipo de vida, mas, sim, à vida ilimitada (*interminabilis*), ou seja, a vida do que é eterno também é ilimitada. Em outras palavras, o que é eterno não tem começo nem fim. Essa precisão corresponde à descrição habitual da noção de eternidade, enquanto se opõe à imortalidade, na medida em que essa última não tem fim, mas, sim, um início. O acréscimo desse epíteto (*interminabilis*) elimina praticamente do mundo da eternidade todas as entidades vivas conhecidas, tanto as materiais, quanto as imateriais, como os anjos e a alma, ambos de origem divina, pelo menos segundo a concepção das grandes religiões monoteístas.²⁶

25 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 934p. n. 327.

26 HAMELIN, Guy. Eternidade de Deus e eternidade do mundo em Boécio. UNB, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/471/428>. Acesso em 03 de junho de 2018.

A imaterialidade dos anjos é atestada, sobretudo, por Santo Tomás. As “substâncias separadas”, como ele assim os chama, podem subsistir sem um corpo material.

O constitutivo da natureza das substâncias separadas é a sua forma, porque, para Santo Tomás, pode subsistir independentemente de unir-se à matéria. Mas o fato de ser a forma, o único elemento substancial que compõe a natureza das substâncias separadas, não significa que nela não haja nenhuma composição, pois possui potência e ato. Ora, se é admissível que Deus criou o intelecto humano, que permanece subsistente depois de separar-se da matéria, também é admissível que Deus quis criar uma substância que subsista sem nunca se ter unido à matéria.²⁷

A essência dos anjos teria como único elemento a forma, não excluindo a sua capacidade de ato e potência. Para São Tomás, os anjos possuem potência em determinadas perfeições. Os anjos são, para o Aquinate, portanto, seres cuja essência possui como único elemento a forma, composta de dois princípios: o de ato e potência, e o de ser e essência.

Pois bem, afirmar que tais substâncias são puras formas significa dizer que as suas respectivas essências são só as formas, mas isso não implica que não haja composição em suas respectivas formas, porque em toda e qualquer criatura a forma é composta de ato e potência. Em outras palavras, o ato é a perfeição do ser da natureza. Mas tal perfeição não existe de modo acabado na natureza: trata-se de perfeição perfectível, ou seja, a que para ser atingida necessita do auxílio de algo. Ora, denomina-se potência esta capacidade que a substância possui em si mesma de tornar perfeito o que é perfectível. A substância separada possui determinadas perfeições que nela existem em potência. Estas perfeições potenciais podem ser atualizadas por ela mesma ou por algum ato ulterior, como o ato divino, mas é a substância separada que possui a capacidade de atualizá-las, ou seja, está em potência para atualizá-las. Nenhuma criatura atualiza as suas próprias perfeições. Neste sentido, embora a substância separada tenha a forma como único elemento da sua essência, ela mesma, ou seja, a forma, é composta de dois princípios: o de ato e potência, e o de ser e essência. Ora, se só a forma constitui a natureza das substâncias separadas, ela mesma será o sujeito ou suposto da sua natureza. Por isso, nestas substâncias, suposto e natureza não se distinguem, como nas substâncias corporais, em que a matéria é o suposto e a forma, a natureza.²⁸

Segundo São Tomás, os anjos são criaturas dotadas de inteligência e vontade, são criaturas pessoais e imortais (ou seja, possuem um início, mas não possuem um término, como dito anteriormente por Boécio). Os anjos, assim,

27 AQUINO, Tomás de. Sobre os anjos. Rio de Janeiro: Sétimo Selo Editora Ltda, 2006. 229p. p.17.

28 AQUINO, Tomás de. Sobre os anjos. Rio de Janeiro: Sétimo Selo Editora Ltda, 2006. 229p. p.17.

superam, em perfeição, todas as criaturas visíveis. São Tomás de Aquino irá dizer que todos os anjos são rigorosamente incorpóreos porque são imateriais, e por natureza, exclusivamente inteligência e vontade. Cada anjo é único em sua espécie, o “gênero Anjo” deve-se apenas à nossa maneira fragmentada de raciocinar.

São João Paulo II numa série de sete catequeses acerca dos santos anjos, retoma a doutrina sobre os seres espirituais.

Toda a Tradição é unânime sobre esta questão. O Credo da Igreja é, no fundo, um eco que Paulo escreve aos colossenses: N'Ele, (Cristo) foram criadas todas as coisas nos Céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, os Tronos e as Dominações, os Principados e as Potestades: tudo foi criado por Ele e para Ele (Cl 1,16). Ou seja, o Cristo, que como Filho "Verbo eterno e consubstancial ao Pai é "primogênito de toda a criatura" (Cl 1,15), está no centro do universo, como razão e fundamento de toda a criação, como já vimos nas catequeses passadas e como veremos ainda quando falarmos mais diretamente d'Ele. A referência ao "primado" de Cristo ajuda-nos a compreender que a verdade acerca da existência e da obra dos anjos (bons e maus) não constitui o conteúdo central da palavra de Deus. Na revelação, Deus fala antes de tudo "aos homens... e conversa com eles, para os convidar e os receber em comunhão com Ele", como vemos na Constituição Dei Verbum, do Concílio Vaticano II (DV 2). "Assim a verdade profunda, tanto a respeito de Deus como da salvação do homem", é o conteúdo central da revelação que "resplandece" mais plenamente na pessoa de Cristo (cf. DV 2). A verdade acerca dos anjos é em certo sentido "colateral", mas inseparável da revelação central, que é a existência, a majestade e a glória do Criador que refulgem em toda a criação ("visível" e "invisível") e na ação salvífica de Deus na história do homem. Os anjos não são, portanto, criaturas de primeiro plano na realidade da Revelação; contudo, pertencem plenamente, tanto que nalguns momentos os vemos realizar tarefas fundamentais em nome de Deus mesmo.²⁹

Assim como os homens, os anjos, na perfeição de sua natureza espiritual, ainda que não constituam o centro da Revelação, também foram chamados desde o princípio, em virtude de sua inteligência, a conhecer a verdade, a amar o bem que conhecem na verdade, de modo muito mais perfeito do que é possível ao homem. Este amor é um ato da vontade livre dos anjos, dando-lhes a plena capacidade de efetuar a escolha favorável ao bem, ou ao contrário.

O que define o anjo como ser pessoal são justamente as faculdades que constituem ontologicamente o “ser pessoa”, ou seja, o conhecimento, a livre vontade e a capacidade de relação. O Catecismo da Igreja afirma que os Santos Anjos são seres puramente espirituais, com inteligência e vontade: “criaturas pessoais e

29 JOÃO PAULO II. Audiência de 9 de julho de 1986: "Criador das coisas visíveis e invisíveis". Cidade do Vaticano: L' Osservatore Romano, ed. Port., no dia 13 de julho de 1986. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1986/documents/hf_jp-ii_aud_19860709.html>. Acesso em: 03 Jun 2018.

imortais”.³⁰ São Tomás também considera o anjo como imagem e semelhança de Deus a partir da mesma questão que aborda para definir que os homens são imagem e semelhança de Deus. Se a racionalidade garante aos homens a condição de imagem e semelhança de Deus, os anjos, por sua santidade, proximidade de Deus e sua racionalidade perfeita, são imagens mais perfeitas de Deus que os homens. Em São Tomás, os anjos seriam, inclusive, “mais” imagem divina que o homem.

Numa perspectiva mais pessoal, considerando o homem como imagem e semelhança de Deus, por ser pessoa, e observando a Igreja, que afirma que os anjos são seres pessoais, buscando uma conformidade com a Sagrada Escritura,³¹ também os anjos, como seres dotados da mesmíssima capacidade, podem ser considerados imagem e semelhança de Deus, ajudando o homem na compreensão ainda mais profunda do tema, como afirma São João Paulo II em suas catequese.

Enquanto criaturas de natureza espiritual, os anjos são dotados de intelecto e de vontade livre, como o homem, mas em grau superior ao dele, embora sempre finito, pelo limite que é inerente a todas as criaturas. Os anjos são, pois, seres pessoais e, como tais, também eles criados à "imagem e semelhança" de Deus. A Sagrada Escritura refere-se aos anjos usando também apelativos não só pessoais (como os nomes próprios de Rafael, Gabriel, Miguel), mas também "coletivos" (como as classificações de: serafins, querubins, tronos, potestades, dominações, principados), assim como faz uma distinção entre anjos e arcanjos. Embora tendo em conta a linguagem analógica e representativa do texto sagrado, podemos deduzir que estes seres/pessoas, quase agrupados em sociedade, se subdividem em ordens e graus, correspondentes à medida da sua perfeição e às tarefas que lhes estão confiadas. Os autores antigos e a própria liturgia falam também dos coros angélicos (nove, segundo Dionísio, o Areopagita). A teologia, especialmente a patrística e medieval, não rejeitou estas representações, procurando, pelo contrario, dar uma explicação doutrinal e mística das mesmas, mas sem lhes atribuir um valor absoluto.³²

Reafirmando o valor teológico acerca do conceito de pessoa, o anjo também encontra sua origem e fundamento em Deus, e com Ele constrói uma comunhão. Se o “ser imagem” é o que possibilita ao homem o verdadeiro diálogo e intimidade com Deus e, sendo os anjos aqueles que estão constantemente diante de sua face – de

30 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. n. 330.

31 PIO XII. Carta Encíclica Humani generis. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1950. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis.html>. Acesso em: 03 Jun 2018.

32 JOÃO PAULO II. Audiência de 9 de julho de 1986: "Criador das coisas visíveis e invisíveis". Cidade do Vaticano: L' Osservatore Romano, ed. Port., no dia 13 de julho de 1986. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1986/documents/hf_jp-ii_aud_19860709.html>. Acesso em: 03 Jun 2018.

fato são os “Íntimos do Senhor” – então, a afirmação de que os anjos são imagem e semelhança de Deus torna-se óbvia.

2.3 O mundo angélico: Como os anjos se relacionam entre si

A compreensão da sociedade angélica, ou hierarquia celeste, nos dará maior clareza acerca do modo como os anjos se relacionam. Tal conhecimento se faz necessário para compreendermos como os anjos interagem no plano da salvação. No livro de Tobias, o personagem descrito se trata de um Arcanjo. A diferença entre um Arcanjo e um Anjo, por exemplo, nos dá uma certa noção do nível de importância ou da relevância de sua missão. A diferença entre todas as demais categorias angélicas, nos dará mais um elemento de análise, para melhor aprofundamento do tema.

Cada Anjo é único, em seu ser e espécie.

O elo entre a medida de duração da natureza das substâncias separadas e a medida de duração das suas operações é o instante, o agora. Cada substância separada é criada imediatamente por Deus como uma forma espiritual. Deus, ao criá-la, ilumina-a com sua Verdade, Amor, Bondade e Sabedoria. No mesmo instante em que cria iluminando a forma, ela se realiza individuando-se, ao receber tais iluminações. Neste sentido, Deus, pela criação e iluminação, é a causa eficiente da individuação de cada uma das substâncias separadas, mas não o princípio de tal individuação, enquanto a forma de cada substância separada, pelo modo de recepção dela, é o seu próprio princípio de individuação. Assim, para Santo Tomás cada substância separada será especificamente única, ou seja: não há dois anjos da mesma espécie, pois cada um esgota, em sua individualidade, a perfeição formal da espécie como um todo. Daí dizer-se que o Anjo Gabriel é a sua própria gabrielidade, enquanto Sócrates, por exemplo, embora humano, não é a humanidade – pois a perfeição da essência da espécie humana não se realiza num só indivíduo, e sim na pluralidade de indivíduos que atualizam diferentes possibilidades do ser essencial do homem. Por isso, se admitirmos que as substâncias separadas são absolutamente sem matéria, teremos de conceber que as suas formas serão seus próprios princípios de individuação.³³

No entanto, apesar de únicos, a Sagrada Escritura nos evidencia que estes seres se organizam numa determinada ordem, seja por função ou semelhança. São Paulo, ao dar diferentes nomes aos anjos, acarretou certa hierarquização dos mesmos (cf. Ef 1,21). Não houve uma sistematização antes do Pseudo-Dionísio Aeropagita, que é quem, de fato, irá organizar a hierarquia celeste como a

33 AQUINO, Tomás de. Sobre os anjos. Rio de Janeiro: Sétimo Selo Editora Ltda, 2006. 229p. p.19.

conhecemos, até hoje, em sua forma fundamental. Essa hierarquia seria composta, não por conta da natureza de cada grupo, mas, por sua função. Os Serafins, por exemplo, seriam colocados no mesmo coro não porque possuem a mesmíssima natureza, pois como dissemos, cada anjo é um ser único, mas por possuírem semelhante função diante de Deus, ou do mundo criado, ou dos homens.

Iremos apresentar a hierarquia celeste em seguida, demonstrando a ordem segundo Dionísio, Tomás de Aquino e Gregório Magno, que também discorrem sobre o tema, com comentário e análise próprios. Apesar de tal doutrina ser aceita pela Igreja com unanimidade, devemos dizer que não se trata de um dogma de fé. A igreja não afirma, categoricamente, que a hierarquia celeste seja exatamente aquela apresentada por Dionísio, ou um dos outros autores. O que a Igreja afirma é que os anjos possuem determinada organização e ordem. Vamos, portanto, elucidar como se organizam os anjos, em sua hierarquia, de acordo com os autores citados no início deste parágrafo.

A hierarquia celeste é comumente apresentada dividida em três grandes classes, ou ternários, podendo também serem chamados de círculos. Dionísio Pseudo-Aeropagita irá chamar de três hierarquias.³⁴ Cada um desses ternários seria dividido em outros três grupos menores, chamados coros. São Tomás chama de ordens.³⁵ O primeiro ternário seria o mais próximo de Deus. Neste círculo se encontrariam os anjos que estão a serviço direto de Deus em adoração e louvores perpétuos. O segundo ternário seria aquele destinado ao governo do mundo criado. Neste círculo estariam os anjos destinados à administração da criação, auxiliando a Deus na ordem cósmica de todo o mundo físico. O terceiro ternário seria aquele que estaria mais próximo aos homens. Neste círculo estariam os anjos ligados a salvação da humanidade, os anjos que trabalham junto a Cristo pela redenção.

Agora apresentaremos cada um dos coros seguindo a nomenclatura usada por Dionísio, Gregório e Tomás.

34 AEROPAGITA, Pseudo-Dionísio. A Hierarquia Celeste: O tratado clássico da angelologia cristã. Tradução, comentários e notas explicativas Carin Zwilling. São Paulo: Editora Polar, 2015. 133p. p.60.

35 AEROPAGITA, Pseudo-Dionísio. A Hierarquia Celeste: O tratado clássico da angelologia cristã. Tradução, comentários e notas explicativas Carin Zwilling. São Paulo: Editora Polar, 2015. 133p. Nota de rodapé: p.60.

2.3.1 Serafins

São aceitos como os mais altos na hierarquia celeste, considerados os mais próximos de Deus. Participam do primeiro ternário juntamente com os Querubins e os Tronos, chamados por Dionísio de “Contemplativos”.

Eles são, ademais, “contemplativos”, não porque contemplam símbolos sensíveis ou intelectuais, nem porque se elevam ao divino através de uma variedade de imagens sagradas, mas antes porque recebem, em toda a plenitude, o saber que ultrapassa todo conhecimento espiritual e porque estão, na medida do possível, aptos à contemplação tripla e transcendente Daquele que é princípio e fonte de toda beleza.³⁶

A palavra hebraica Saraf (שרף) significa “flamejante” ou “ardente”.³⁷ No livro de Isaías 6,6-7 encontramos uma referência a esta característica relacionada ao fogo, própria dos Serafins. O fogo é um elemento que, biblicamente, está quase sempre ligado à divindade.³⁸ Assim como Deus, os Serafins são seres misteriosos, de uma profundidade insondável e grandeza incalculável. Dizer que os Serafins possuem três pares de asas, como descrito em Isaías 6, seria como dizer que, no mar as ondas se agitam. Quanto ainda se pode falar acerca do mar seria, em comparação, o que se poderia falar destes grandiosos seres. São eles os primeiros seres do primeiro “faça-se” de Deus. Poderíamos compará-los com um sol ardente de amor a Deus, e ainda assim, estaríamos limitados por nossa razão humana. Essa relação com o fogo, sempre descrita aos Serafins, nos convida a pensar que, estes anjos, são seres de profunda intimidade com a terceira Pessoa da Santíssima Trindade. O Espírito Santo, descrito como línguas de fogo no evento de Pentecostes (cf. At 2,1-4), nos recorda tal significado do fogo como símbolo do amor de Deus. Estes grandes anjos, unidos aos Querubins e Tronos, são aqueles mais próximos do Altíssimo, que estão em perpétua glorificação, adoração e louvor à majestade de Deus.

36 AEROPAGITA, Pseudo-Dionísio. A Hierarquia Celeste: O tratado clássico da angelologia cristã. Tradução, comentários e notas explicativas Carin Zwilling. São Paulo: Editora Polar, 2015. 133p. p.67.

37 MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. [Tradução de Álvaro Cunha] 9.ed. São Paulo: Paulus, 2005. 979p. p.867.

38 MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. [Tradução de Álvaro Cunha] 9.ed. São Paulo: Paulus, 2005. 979p. p.359.

2.3.2 Querubins

Os Querubins são os anjos mais citados na Sagrada Escritura. A palavra Querubim, provém do hebraico (כרוב) “Keruv” ou no plural (כרובים) “Keruvim”, a etimologia é incerta quanto ao significado exato da palavra.³⁹ Dionísio irá dizer que Querubim significa “Abundância de Ciência”, ou “Efusão de Sabedoria”. São também muito citados no Tanakh Hebraico, e em diversos outros escritos judaicos. São citados no livro do Gênesis com espadas fulgurantes nos portões do éden (cf. Gn 3,24), também se encontram representados sobre a Arca da Aliança (cf. Ex 25,18), em imagens de ouro e no templo de Salomão.⁴⁰ Por serem os anjos mais citados na Sagrada Escritura, não há como não os relacionar com o Verbo Divino. Dionísio irá afirmar que os Querubins possuem grande capacidade de conhecer e ver a Deus, acolhendo em si mesmos a plenitude de dons que os tornam sábios e capazes de compartilhar, generosamente, com os coros inferiores, essa sabedoria recebida de Deus. São Tomás irá reafirmar tal tese de que os anjos superiores iluminam os inferiores.

Os anjos inferiores jamais iluminam os superiores, mas são sempre por eles iluminados. A razão disso está em que, como dito acima, as ordens se subordinam umas às outras, como as causas se subordinam entre si. Assim como as causas são ordenadas umas às outras, assim também as ordens. Por isso, não há inconveniência em que uma coisa se faça fora da ordem de uma causa inferior, para que seja ordenada a uma causa superior. Por exemplo, nas coisas humanas, é possível prescindir de uma ordem de um chefe para se obedecer ao príncipe. Eis por que pode ocorrer que, fora da ordem da natureza corporal, Deus opera milagrosamente, com o fim de ordenar os homens ao conhecimento dele próprio. Contudo, prescindir da ordem natural das substâncias espirituais não tem nada a ver com a ordenação dos homens para Deus, uma vez que as operações angélicas não nos são manifestadas como o são as dos corpos visíveis. Por isso, Deus não prescinde nunca da ordem que convém às substâncias espirituais, segundo a qual os inferiores são movidos pelos superiores, e não o contrário.⁴¹

Assim como os Serafins, por sua etimologia e simbologia, nos levam a crer que possuem profunda intimidade com a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, o caso dos Querubins, pelo número de citações bíblicas, a lógica nos faz olhar para a Segunda Pessoa. Contemplando o Verbo, o Filho, juntamente com o significado do nome deste coro, o movimento da encarnação nos aponta uma ligação mais próxima

39 MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. [Tradução de Álvaro Cunha] 9.ed. São Paulo: Paulus, 2005. 979p. p.759.

40 Cf: Gn 3,24, Ex 25,10-22; 37,7-9, Nm 7,89

41 AQUINO, Tomás de. Suma Teológica. 2º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016. Vol 2. 903p. p.762.

a esse mistério. Os Querubins podem ser os grandes portadores da Palavra de Deus, da profecia (cf. Ez 28,14), da sabedoria inesgotável (cf. Ap 22,8-9), os grandes anjos do Verbo Encarnado (cf. Hb 1,5-6), do Cristo (cf. Mc 1,11-13), ação encarnada de Deus na história.

2.3.3 Tronos

O que é um trono? A palavra trono vem do grego (θρόνος). Um trono é um assento grande, bem decorado, estável, estático e firme. Representa toda a realeza, poder e força de um rei. É o símbolo da soberania, e ao trono são dados atributos de juízo, fidelidade e justiça (cf. Pv 16,12), próprios de um reino. Os Tronos são citados por Paulo na carta aos Colossenses (cf. Cl 1,16). Os anjos chamados de Tronos, poderiam estar relacionados com a grandeza e a força no sustento da sede (soberania) de Deus (cf. Jr 17,12-13). Considerando o significado bíblico que o nome possui, ou seja, que não se trata apenas de uma distinção ou identificação, mas traz consigo a essência do ser, ou a propriedade divina que cada um deles possui, então esses seres seriam chamados dessa forma por uma razão teológica, e não somente classificativa. Dionísio fala que esses anjos possuem tal nome por sua pureza, que os aparta de todas as coisas vis.⁴² Tais anjos estariam firmemente apartados de toda baixaza, firmados ao redor do Altíssimo e inclinados unicamente para Deus. Os Tronos, ainda considerando o significado do nome, poderiam estar ligados ao sustento e à estabilidade.

No simbolismo asiático, é o termo intermediário entre o monte e o palácio de um lado, e o toucado, de outro, sendo todos eles variantes rítmicos de uma mesma família morfológica. Simboliza, ou melhor, alude, ao centro. Signo de síntese e de unidade estabilizada. No sistema hieroglífico egípcio, o trono integra como signo determinante os conceitos de suporte, enaltecimento, equilíbrio, segurança.⁴³

Seres de sustento ou de estabilidade, grandes anjos da vida ou da existência em si, do ser mesmo. Todas essas características são possíveis de relação com tais seres, quando consideramos, como Dionísio afirma, o significado do nome com a essência do ser. Novamente poderíamos fazer um comparativo com os outros dois coros anteriores. Os tronos poderiam ser os anjos de profunda intimidade com a

42 AEROPAGITA, Pseudo-Dionísio. A Hierarquia Celeste: O tratado clássico da angelologia cristã. Tradução, comentários e notas explicativas Carin Zwilling. São Paulo: Editora Polar, 2015. 133p. p. 65.

43 CIRLOT, Juan-Eduardo. Dicionário de símbolos. [tradutor Rubens Eduardo Ferreira Frias]. 4.ed. São Paulo: Centauro Editora, 2005. 614p. p. 583.

Primeira Pessoa da Santíssima Trindade (cf. Sl 47,9). Deus Pai, fonte e origem de toda vida e todo o ser, e sobretudo, aquele que ocupa o Trono sobre todas as coisas.

Jesus também chama o céu de o trono de Deus (Mt 5,34; 23,22) o trono de Davi é citado em Lc 1,32; At 2,30; Hb 1,8; é o trono do Messias. O trono do Filho do Homem é um trono celeste sobre o qual se manifestará na parusia; é um trono de glória (Mt 25,31). O trono e a glória são prometidos aos doze (Mt 19,28). No grande juízo final os tronos são destinados àqueles a quem foi dado o poder de julgar (Ap 20,4). O trono de Deus é o centro da visão do Ap 4; ele é cercado pelos 24 tronos dos 24 anciãos. O trono de Deus é um grande trono branco (Ap 20,11). É o trono de graça (Hb 4,16).⁴⁴

São Tomás de Aquino também falará acerca da proximidade destes anjos com Deus mesmo.

(...) deve-se dizer que a superioridade da ordem dos Tronos em relação às ordens inferiores consiste em que podem conhecer imediatamente em Deus as razões das obras divinas. Entretanto, os Querubins são superiores em ciência e os Serafins no ardor da caridade. Se, de um lado, essas duas últimas superioridades incluem a terceira, entretanto na superioridade dos Tronos não estão incluídas as outras duas. Por isso a ordem dos Tronos distingue-se da dos Querubins e da dos Serafins. É, pois, comum a todos que a superioridade de uma ordem inferior está contida na ordem superior e não o contrário. Dionísio, por sua vez, explica o nome Tronos pela semelhança com os assentos materiais. Neles quatro coisas podem ser consideradas. Primeiro, porque os assentos se elevam acima do chão. Assim também os anjos que se chamam Tronos são elevados até o conhecimento imediato das razões das coisas em Deus. – Segundo, nos assentos materiais considera-se a solidez, pois neles assenta-se com segurança. Nos anjos, porém, acontece o contrário, pois recebem sua segurança de Deus. Terceiro, o assento recebe quem nele se assenta e nele pode ser transportado. Assim também os Tronos recebem de Deus em si mesmos e o levam de alguma forma às ordens inferiores. – Quarto, por sua configuração: porque é aberta de um lado para receber o que se assenta. Assim os Tronos, por sua prontidão, estão abertos para receber a Deus e servi-lo.⁴⁵

Os Tronos, assim chamados por sustentarem a soberania de Deus, seriam os anjos, por excelência, de Deus Pai. Como grandes montanhas, firmes e estáticas, irradiariam o poder da Vida de Deus a toda criação, sustentando tudo o que é mais fundamental do ser.

44 MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. [Tradução de Álvaro Cunha] 9.ed. São Paulo: Paulus, 2005. 979p. p.949.

45 AQUINO, Tomás de. Suma Teológica. 2º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016. Vol 2. 903p. p.786.

2.3.4 Dominações

Agora adentramos no segundo ternário, aquele destinado à ordem cósmica das coisas criadas. Segundo São Tomás, seria a hierarquia de governo dos anjos.

Os nomes Dominação, Potestade, Principado tem a ver com o governo de diferentes maneiras. Prescrever o que deve ser feito é próprio somente do senhor. Foi o que levou Gregório a dizer que “certas milícias angélicas são chamadas de Dominações porque as outras estão submetidas a sua obediência”.⁴⁶

O primeiro coro deste segundo ternário são os anjos chamados Dominações. Se os nomes que são atribuídos aos seres superiores manifestam, para nós, a sua forma própria de imitar a Deus e de configurar-se com Ele, as Dominações seriam os anjos do domínio divino. Seu nome indicaria sua altíssima elevação espiritual que manifesta seu domínio e liberdade sobre qualquer paixão.

(...) deve-se dizer, com Dionísio, que “louva-se de modo singular em Deus a Dominação por excesso. Mas os textos sagrados chamam Senhores, por participação, às ordens principais pelas quais as inferiores recebem os dons de Deus. E por isso, Dionísio diz que o nome Dominação significa primeiro a “liberdade da condição servil e da sujeição comum”, como a do povo, “e da opressão da tirania”, que às vezes também os grandes sofrem. Dominação significa, em segundo lugar, “um governo rígido e inflexível que não se rebaixa a nenhum ato servil e nem a nenhum daqueles atos dos que estão sujeitos ou oprimidos pelos tiranos”. Em terceiro lugar, significa “o desejo e a participação do verdadeiro domínio que está em Deus”. – Assim, de modo semelhante, o nome de cada ordem significa uma participação ao que é próprio de Deus. Por exemplo, Virtude designa uma participação no poder divino, e assim por diante para os demais nomes.⁴⁷

São os anjos da profunda liberdade em Deus. Se o segundo ternário é aquele onde se encontram os anjos que ajudam na administração do mundo criado, esse coro é aquele que mantém o domínio de Deus e, como o domínio de Deus é o amor, tais anjos seriam anjos de profundo amor. São os anjos que participam do eterno e divino domínio de Deus.

46 AQUINO, Tomás de. Suma Teológica. 2º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016. Vol 2. 903p. p.784.

47 AQUINO, Tomás de. Suma Teológica. 2º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016. Vol 2. 903p. p.784.

2.3.5 Potestades

No mesmo ternário das Santas Dominações se encontra o Coro das Potestades. O nome “Potestades” significa “Poderes do Ar” (Potes + ades), o que significa dizer que esses anjos são aqueles que estão no exercício sublime da autoridade.

O nome Potestade designa certa organização, segundo se diz o Apóstolo na Carta aos Romanos: “Aquele que se opõe ao poder resiste à ordem de Deus”. Por isso, diz Dionísio: o nome Potestade significa certa organização concernente tanto à recepção das coisas divinas como às ações divinas que os espíritos superiores exercem sobre os inferiores para elevá-los a Deus. Compete, pois, à ordem das Potestades organizar o que deve ser feito pelos súditos.⁴⁸

Podemos dizer que são os anjos da fronteira, da defesa e combate contra as forças infernais e da execução das ordens de Deus. São anjos de poder, de governo exercido nos ares, ou seja, na batalha espiritual, no combate pelas almas, na defesa da Igreja. Se as Dominações participam do eterno e divino domínio de Deus, as Potestades participam da soberana potência divina. O poder de Deus é o fundamento neste Coro. São esses anjos, aqueles que levam a vontade de Deus para a Criação. São esses os anjos que carregam o poder de Deus.

2.3.6 Principados

Este Coro traz um grupo de anjos que, de acordo com alguns autores, são difíceis de encontrar seu lugar exato. Dionísio e Tomás de Aquino, colocam os Principados no terceiro ternário. São Gregório também coloca o Coro no terceiro ternário, porém em alguns momentos o encaixa no segundo não parecendo chegar a uma conclusão definitiva. Seguindo a lógica do significado nominal e compreendendo bem o sentido de Virtude e Príncipe (pois as Virtudes são colocadas no segundo ternário no lugar dos Príncipes), me sinto inclinado a classificar os Príncipes como partícipes do segundo ternário. Pela simples razão do nome “Principado” estar mais em sintonia com o significado de governo e administração em relação às Dominações e Potestades, que as Virtudes. O Principado é uma região administrada por um Príncipe. O Príncipe é o herdeiro

48 AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. 2º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016. Vol 2. 903p. p.784.

legítimo, aquele que governa no lugar do Rei, determinadas regiões por ele designadas.

Exercer um Principado, segundo Gregório, é “ser o primeiro no meio dos outros” e, primeiro, dir-se-ia, na execução daquelas coisas que são prescritas. Por isso Dionísio diz que o nome Principado significa “o conduzir os outros com ordem sagrada”. Com efeito, os que conduzem outros, sendo os primeiros, são chamados propriamente príncipes, segundo diz o salmo 67: “Precediam os príncipes seguidos pelos músicos”.⁴⁹

O próprio Dionísio designa os Príncipes como aqueles que carregam o segredo de comandar conforme a boa ordem.⁵⁰ Ora, se o segundo Ternário é o próprio dos anjos que auxiliam na administração da Criação, então os Príncipes se encaixam com mais propriedade neste lugar. Estes anjos seriam os grandes administradores das diversas regiões do mundo criado. Provavelmente também seriam os administradores dos elementos, das estações e etc. Os herdeiros legítimos que guiam com autoridade os outros em direção ao Princípio que reina sobre todas as coisas.

2.3.7 Virtudes

Continuando com o Coro das Virtudes, adentramos o terceiro ternário, destinado a redenção dos homens. Seria o ternário onde se encontram os anjos que ajudam na elevação e conversão dos homens a Deus. Aqui, apesar de Dionísio e Gregório divergirem na posição dos Príncipes e Virtudes, ambos, concordam que o terceiro ternário é direcionado ao plano da redenção.

(...) é aquela – hierarquia – que faz as revelações e preside as hierarquias humanas, a fim de que se produza, de maneira ordenada, a elevação e conversão a Deus, para que a comunhão e a união com Ele se realizem de maneira adequada, e também para que, com a mais santa equidade, conceda bondosamente e comunique, entre todas as hierarquias, os bens que procedem de Deus.⁵¹

São os anjos que batalham para que a união e a comunhão dos homens com Deus se dêem de forma adequada. O nome Virtude (do latim *Virtus*; em grego

49 AQUINO, Tomás de. Suma Teológica. 2º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016. Vol 2. 903p. p.784.

50 AEROPAGITA, Pseudo-Dionísio. A Hierarquia Celeste: O tratado clássico da angelologia cristã. Tradução, comentários e notas explicativas Carin Zwilling. São Paulo: Editora Polar, 2015. 133p. p. 82.

51 AEROPAGITA, Pseudo-Dionísio. A Hierarquia Celeste: O tratado clássico da angelologia cristã. Tradução, comentários e notas explicativas Carin Zwilling. São Paulo: Editora Polar, 2015. 133p. p. 84.

ἀρετή) é aquela qualidade moral particular, capacidade estável de praticar o bem. A palavra revela muito mais que uma característica ou aptidão para uma determinada ação boa, mas revela em si uma verdadeira inclinação. Considerando o significado do nome deste Coro, e a necessidade de tais disposições, forças ou hábitos (Virtudes) serem para o homem, necessários para a salvação, é lógico pensar que esses anjos, nominados com o mesmo nome do bom hábito, serem anjos de auxílio para a salvação dos homens. Dionísio irá dizer das Santas Virtudes serem anjos de certa força viril e inflexível em todos os atos pelos quais elas se conformam com Deus. Neste sentido a palavra “virtude” enquanto força, se aplica de modo mais perfeito por: de ser força para levar a Deus. Essa força não admitiria resistência para com a ação de Deus, sendo verdadeiros condutores da graça divina. Os anjos deste Coro poderiam ser considerados os grandes condutores da graça de Deus, aqueles que levariam o amor de Deus, em forma de graça santificante, aos homens, para auxiliá-los no caminho da salvação.

2.3.8 Arcanjos

Os Arcanjos, juntamente com os Anjos são os mais populares e conhecidos pelo povo de modo geral. Isso se dá por conta dos três anjos nominados pela Sagrada Escritura (Miguel, Rafael e Gabriel). São o menor Coro em número. São sete, os anjos que fazem parte deste coro. Apesar da Igreja conhecer e ensinar o nome de três, ela reconhece a existência de outros quatro. O Livro de Tobias é quem irá confirmar tal existência quando Rafael Arcanjo revela ser “um dos sete que assiste ao Trono de Deus” (cf. Tb 12,15). O prefixo “Arc” antes da palavra “Anjo”, provém do grego, de “Arché” (αρχή) que quer dizer “primeiro” ou “principal”. Os Arcanjos, portanto, seriam estes primeiros anjos, que comandam os demais. A palavra também designa *preferência*, sendo os Arcanjos aqueles anjos solicitados para as missões especiais na história da Salvação. Neste sentido podemos recordar a profecia do nascimento de João Batista a seu pai, Zacarias, pelo Arcanjo Gabriel (cf. Lc 1,19), bem como a anunciação do nascimento de Jesus à sua Mãe, Maria, pelo mesmo arcanjo (cf. Lc 1,26-38), ambos os fatos, decisivos para a história da salvação, portanto, necessitados de mensageiros especiais.

Dionísio fala que os Arcanjos pertencem ao Coro dos Principados, ou seja, são Príncipes Angélicos,⁵² que foram chamados a missões especiais, talvez daí a opção de Dionísio de encaixar os principados no terceiro ternário. Esta observação, no entanto, não nos obriga a pensar logicamente neste sentido, ao não ser que os anjos não tivessem a condição de trânsito entre os ternários, o que nenhum autor menciona. Como, porém, os coros definem missão e função e não tanto posição ou lugar, ainda parece mais lógico que os principados se encaixem melhor no segundo ternário, havendo sete que foram chamados por Deus a adentrar o terceiro a fim de comandar as legiões celestes para a salvação das almas. Esta questão, portanto, como está aberta à discussão e análise teológica, não se constitui dogma ou tese, mas apenas observação colocada à disposição do leitor.

2.3.9 Anjos

Por fim chegamos ao nono coro, formado pelos Anjos. É este o coro mais numeroso que completa a hierarquia celeste. São os últimos que possuem as propriedades angélicas e os mais próximos dos homens.⁵³ Chamamos os espíritos deste coro de anjos pois, por meio desta ordem, se manifesta a nós, de modo mais claro, a natureza e a ação angélica neste mundo. Se, quanto mais alto for o coro angélico, mais complexo e envolto nos mistérios divinos ele estará, o oposto também é proporcional na simplicidade e compreensão. Os anjos seriam, portanto, não somente os seres espirituais mais próximos ao homem, como também os mais compreensíveis ao intelecto humano.⁵⁴

52 AEROPAGITA, Pseudo-Dionísio. A Hierarquia Celeste: O tratado clássico da angelologia cristã. Tradução, comentários e notas explicativas Carin Zwilling. São Paulo: Editora Polar, 2015. 133p. p. 82.

53 AEROPAGITA, Pseudo-Dionísio. A Hierarquia Celeste: O tratado clássico da angelologia cristã. Tradução, comentários e notas explicativas Carin Zwilling. São Paulo: Editora Polar, 2015. 133p. p. 83.

54 AEROPAGITA, Pseudo-Dionísio. A Hierarquia Celeste: O tratado clássico da angelologia cristã. Tradução, comentários e notas explicativas Carin Zwilling. São Paulo: Editora Polar, 2015. 133p. p. 83.

3 O ANJO É UM SER DE RELACIONAMENTO

3.1 O anjo se relaciona com Deus

O Magistério da Igreja diz que os anjos são criaturas pessoais,⁵⁵ criadas por Deus antes do mundo material. A Sagrada Escritura, porém, não tem nenhum relato acerca de sua criação ou natureza. Os anjos aparecem ao tratar da relação entre Deus e o homem, e vão se tornando cada vez mais presentes conforme um determinado amadurecimento histórico-teológico.

Considerando o fato de que a Revelação é algo direcionado ao homem, e para a sua salvação, não haveria, de imediato, um motivo realmente fundamental para que houvesse tais explicações. Podemos compreender o porquê de tal ausência de informações. Na Sagrada Escritura, objetivamente falando, há o que é necessário para a salvação do homem. O conhecimento da criação e natureza dos anjos não é um conhecimento essencial para a salvação da humanidade, por isso, a angelologia adentra a especulação teológica por diversas vias, que vão além do fato revelado.

A figura angélica vai, portanto, emergindo aos poucos, desde um determinado ponto em que o anjo é confundido com o próprio Deus, até uma complexa angelologia pós-exílica e, sobretudo, na literatura apócrifa. Mais tarde, ainda, receberá contribuição na literatura hagiográfica e mística. Há um desenvolvimento histórico que vai definindo, com cada vez mais discernimento, o lugar dos anjos e da sua relação com Deus.

De natureza espiritual, como afirma São João Paulo II, são imagem e semelhança de Deus.⁵⁶ Como substâncias espirituais, possuem as faculdades que, ontologicamente, constituem o ser pessoal, a saber: a livre vontade e o conhecimento. No caso dos anjos, diferentemente dos homens, o conhecimento tem por objeto próprio o ser imaterial. Através das espécies inteligíveis⁵⁷ – formas representativas das coisas que Deus colocou no intelecto angélico – o anjo possui um conhecer intuitivo.

55 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. n. 329.

56 JOÃO PAULO II. Audiência de 9 de julho de 1986: "Criador das coisas visíveis e invisíveis". Cidade do Vaticano: L' Osservatore Romano, ed. Port., no dia 13 de julho de 1986. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1986/documents/hf_jp-ii_aud_19860709.html>. Acesso em: 03 Jun 2018.

57 AQUINO, Tomás de. Sobre os anjos. Rio de Janeiro: Sétimo Selo Editora Ltda., 2006. 229p. p 143.

Não tendo necessidade do conhecimento sensível como o homem, o anjo conhece por uma iluminação transcendente e segundo princípios a priori, de caráter mais ou menos sintético segundo um grau de proximidade em relação à unidade absoluta do pensamento divino.⁵⁸

A vontade dos anjos está orientada para o bem total, e, como Deus é o bem universal, os anjos estão inclinados naturalmente a amar a Deus. A vontade livre dos anjos permite, então, que eles tomem decisões em relação a um objeto amado ou outro. Com a sua livre vontade decidiram, de uma vez por todas, acolher o chamado divino à vida Intra-Trinitária, tornando-se partícipes de toda obra da criação. Os demônios, ao contrário, seriam aqueles anjos que usaram sua livre vontade para o mal. Rechaçando o chamado de Deus, se opuseram a sua vocação, e se colocaram como adversários do plano da criação. A consequência do uso de sua livre vontade levou os anjos à bem-aventurança, e os demônios para a condenação infernal.

Os anjos vivem numa relação íntima e profunda com Deus. Colocar-se a serviço de Deus, para refletir em seu próprio ser de criaturas, a glória do Criador, é o sentido de sua existência. Apesar de a evolução assimilar continuamente dados novos, há elementos constantes: os anjos são dependentes de Deus e servos à disposição da divindade. O centro da criação é sempre o homem, não os anjos. Aqueles anjos que se separaram, segundo a Tradição, foram justamente os que não aceitaram tal escolha de Deus (cf. Ap 12,7-9).

3.2 O anjo se relaciona com o messias

Os anjos também se relacionam com o messias, o Cristo. Não estão somente subordinados a Deus, no que diz respeito à criação, mas também ao plano salvífico. Isto pode ser percebido nas Sagradas Escrituras onde se evidencia a colaboração dos anjos nas ações de Jesus (cf. Jo 1,51). Unidos a Cristo pela graça, são os anjos, por natureza, imagem de Cristo, pois Ele é o “primogênito de toda criatura” (cf. Cl 1,15-17). A graça dos anjos deve-se designar como graça de Cristo, porque Deus Pai faz subsistir no Filho toda a criação. A união dos anjos com Jesus Cristo, sua ordenação para Ele, como seu Criador e Senhor, revela-se, antes de qualquer coisa, ao homem, no serviço que acompanha a obra redentora do Filho do Pai no mundo.

58 LACOSTE, Jean-Yves. Dicionário Crítico de Teologia. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004. 1967p. p 137.

A doutrina da graça de Cristo quanto aos anjos, exposta desde o tempo dos Padres, não pode apelar de certo para o texto expresso da Escritura, pode, porém, ser deduzida em vista da estrutura geral da economia salvífica trinitária (Ad Pater – per Filium – in Spiritu) na autocomunicação de Deus ad extra. Insinua-o também o texto de Colossenses 1,15-17, repetidas vezes citado, pois ele não distingue entre ordem da criação e ordem da salvação, mas abarca o primado universal de Cristo.⁵⁹

A presença dos anjos, no Novo Testamento, não é apenas uma alternativa à presença de Cristo. Jesus é, de fato, o único mediador entre Deus e os homens. As intervenções angélicas, neotestamentárias, revelam e destacam a vinda de Nosso Senhor, não diminuindo em nada o primado universal de Cristo. Por contrário, as ações angélicas confirmam e exaltam a posição de Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

O catecismo da Igreja Católica afirma que Cristo é o centro do mundo angélico.⁶⁰ Os anjos unem-se aos homens na adoração ao Cordeiro Imolado, a Cristo Salvador (cf. Hb 1,16). Desde a criação, e ao longo de toda a história do mundo, servem a Deus e seus desígnios. Na plenitude dos tempos, com a encarnação do Filho, eles o acompanham em sua missão, de modo ainda mais evidente.

A santa liturgia é um dos momentos em que podemos perceber o benefício dos anjos, ao associá-los com a Igreja, na adoração ao Deus três vezes Santo. São lembrados, com raras exceções, sempre no final do prefácio.

Numa perspectiva escatológica, também são os anjos que estarão unidos a Cristo na consumação dos tempos. No dia do juízo, o Filho do Homem virá, em sua glória, com todos os seus anjos (cf. Mt 25,31). Por Cristo, e para Cristo, os anjos acompanharam e colaboraram no início, e estarão, nesta mesma missão, até o fim dos dias. Os anjos são de Cristo, e para Cristo, pois por Ele tornaram-se mensageiros do projeto de salvação.

3.3 O anjo se relaciona com o ser humano

Os anjos se relacionam com os homens. No conflito entre o bem e o mal, que marca a existência humana, os anjos são aqueles que ajudam a humanidade a colocar essa existência em ordem. Não qualquer ordem, mas aquela que direciona o

59 FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. *Mysterium Salutis: Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica*. Volume 2. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1973. 175p. p 43.

60 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. n. 331.

homem a compreender sua vida, cristã e humanamente (cf. Hb 13,2). São os anjos que recordam ao homem que ele é criatura de Deus, criado à Sua imagem; que ensina a adorar ao Deus Altíssimo; e colabora, como irmãos, para a salvação da humanidade (cf. Ap 22,9).

O homem se realiza na medida em que vive sua condição de criatura orientada para Deus. Os anjos, como “irmãos mais velhos”,⁶¹ na medida em que colaboram com a salvação do homem, por consequência, ajudam-no com sua realização pessoal mais plena. São João Paulo II reafirma a doutrina do auxílio dos anjos à humanidade.

O tema a que nos referimos poderá parecer "distante" ou "menos vital" à mentalidade do homem moderno. Todavia a Igreja, propondo com franqueza a totalidade da verdade acerca de Deus Criador também dos anjos, crê que presta um grande serviço ao homem. O homem nutre a convicção de que em Cristo, Homem-Deus, é ele (e não os anjos) a encontrar-se no centro da Divina revelação. Pois bem, o encontro religioso com o mundo dos seres puramente espirituais torna-se revelação preciosa do seu ser não só corpo, mas também espírito, e da sua pertença a um projeto de salvação verdadeiramente grande e eficaz, dentro de uma comunidade de seres pessoais que para o homem e com o homem servem o desígnio providencial de Deus.⁶²

Ao tornar-se homem, Cristo eleva a dignidade da humanidade. No Novo Testamento, vemos a atividade dos anjos ligada justamente aos pontos altos da missão de Jesus: a encarnação e o evento pascal. Cabe aos anjos anunciar o vindouro, ou atestar o acontecido. São, de fato, os mensageiros de Deus à humanidade por excelência. Anunciam, de modo geral, o que recebem de Deus para comunicar. Não parecem ser portadores de uma mensagem própria, portanto, mas de uma mensagem de outro. De modo particular, podemos dizer que o anjo aparece nos momentos em que o agir de Deus não é, ainda, imediatamente visível ao homem. Ora preparando tal momento, ora atestando o momento passado em que Deus agiu.

Também faz parte, da Tradição e do Magistério, a fé nos anjos custódios, mais conhecidos como anjos da guarda. Ainda que não haja uma confirmação literária na Revelação, a Igreja crê na proteção destes seres aos homens, inclusive de modo particular, pessoal.

61 Grifo do autor

62 JOÃO PAULO II. Audiência de 9 de julho de 1986: "Criador das coisas visíveis e invisíveis". Cidade do Vaticano: L' Osservatore Romano, ed. Port., no dia 13 de julho de 1986. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1986/documents/hf_jp-ii_aud_19860709.html>. Acesso em: 03 Jun 2018.

A salvação dos homens é então a tarefa dos anjos da guarda, que se encontram ao lado dos homens a eles confiados não só para os guardar de uma tribulação terrena, de sofrimentos e problemas, cuidá-los de dores ou dar-lhes o seu forte braço para a conquista de um bem temporário, mas para guiá-los no caminho designado pela providência e conduzi-los a Deus e à salvação. Os anjos vêem a salvação terrestre dos seus protegidos com os olhos daquele que os enviou, quer dizer, sempre tendo em conta o aspecto do fim último do homem.⁶³

O anjo custódio não está com o homem apenas para protegê-lo simplesmente. Trata-se de uma relação, querida por Deus, onde homem e anjo se complementam, num caminho de serviço para o anjo, e de aperfeiçoamento para o homem.

3.4 O anjo se relaciona com a Igreja

A redenção que se deu em Cristo efetua-se nos homens de todos os tempos, dentro e pela Igreja. Nesse tempo final da história da salvação, ordena-se o ministério dos anjos à Igreja e a cada homem, em particular. Da mesma forma que os anjos serviram ao Cristo encarnado, agora servem ao Cristo Ressuscitado. Quer dizer: o ministério angélico não termina após o evento pascal, da mesma forma que a missão de Cristo não termina com sua ascensão. Aos homens é dada a missão de anunciar a Boa Nova, agora por todo o universo, como continuadores da missão de Nosso Senhor. Considerando a Igreja como corpo místico de Cristo, acompanharão tal missão também os anjos, até que chegue o fim dos dias. Dentro da história da salvação, o ministério angélico, iniciado na Antiga Aliança, encontra sua consumação no serviço em favor da Igreja. A presença contínua e atual do Espírito Santo, no hoje da Igreja, é o que garante a ação dos anjos, da mesma forma atual.

“O ministério dos anjos faz parte do mistério mais amplo da salvação que consiste em que Deus mesmo, Cristo e o Espírito Santo estão presentes à Igreja no seu caminho para a consumação celestial”.⁶⁴

Não há dúvida, considerando o Novo Testamento, que o anúncio do Evangelho compete exclusivamente aos homens, sobretudo aos apóstolos e aos seus sucessores (cf. Gl 1,8). Os Anjos não anunciaram a todos a ressurreição, mas indicaram às mulheres que, de fato fizeram o anúncio aos demais (cf. Mt 28,5-8). A

63 HOLBÖCK, Ferdinand. *Summa angelorum: unidos com os anjos e os santos*. São Paulo: Paulus, 2016. 463p. p 110

64 FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. *Mysterium Salutis: Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica*. Volume 2. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1973. 175p. p 46.

mesmíssima certeza serve para a administração dos sacramentos. Os anjos, aqui, seguem em colaboração à missão da Igreja.

Poderão os anjos estar presentes como testemunhas a essa ação litúrgica da Igreja, contudo o seu ministério específico começa quando a palavra e sacramento no dia-a-dia de uma vida toda voltada a Deus deve produzir seus frutos.⁶⁵

Os anjos começam seu ministério a partir dos frutos de uma vida em Deus. Conservar a palavra e a graça de Deus, vencer as tentações e a maldade, e decidir-se pela causa de Deus e de Cristo, são as grandes tarefas do homem. Neste intervalo, entre a decisão e a perseverança, desenrola-se o ministério angélico, invisível aos nossos olhos, mas não irreal. O testemunho dos anjos, quanto à conservação e proteção do que Deus deu à Igreja em comunicação própria de Si, é o ministério, por excelência, dos Santos Anjos, e sua colaboração mais evidente.

Os Apóstolos, porém, e os mártires de Cristo, que com efusão de seu sangue deram o testemunho supremo de fé e caridade, a Igreja sempre acreditou estarem mais intimamente unidos conosco em Cristo, venerou-os juntamente com a Bem-aventurada Virgem Maria e os santos Anjos com especial afeto e implorou-lhes piedosamente o auxílio da intercessão.⁶⁶

Com essas considerações podemos dizer, sem equívoco, que os anjos se relacionam e cooperam com a Igreja.

3.5 O anjo se relaciona com o mundo e as nações

A Igreja sempre considerou a participação dos anjos no desenvolvimento dos acontecimentos históricos. A Sagrada Escritura dá testemunho acerca deste envolvimento dos anjos no mundo (cf. Hb 1,5-7). No plano cosmológico, a angelologia ajuda a compreensão e a interpretação da conexão entre todos os estratos do ser. A teologia dos anjos evidencia que, na revelação, Deus confia à transformação do mundo, não somente a leis evolutivas imanentes, mas a intervenção, nessa evolução, através de criaturas formadas a sua imagem e semelhança.

65 FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. *Mysterium Salutis: Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica*. Volume 2. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1973. 175p. p.46.

66 DOCUMENTOS DO VATICANO II. Edição Bilingue. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1966. 703p. p.92.

É fato aceitável, entre os angelólogos, a teoria de que os anjos ajudam na administração da criação. Dionísio Pseudo-Aeropagita, dá a entender que não existem apenas anjos custódios de cada homem, mas também, anjos responsáveis por determinadas nações, povos ou regiões.⁶⁷

Temos também, considerando a aparição de Nossa Senhora, em Fátima, Portugal, no ano de 1917, um fato reconhecido pela Igreja, que corrobora tal teoria. Um anjo encontra-se, antes mesmo da aparição da Virgem, com as três crianças, ensinando, às mesmas, algumas orações. O anjo se apresenta como “Anjo da Paz”⁶⁸ e, mais adiante, como “Anjo de Portugal”, ou seja, como um anjo de uma determinada nação ou povo. Na medida em que a Igreja reconhece tal aparição, considerando-a como legítima, podemos interpretar tal fato como uma confirmação da teoria, de que os anjos ajudam, não somente no plano da salvação de cada homem em particular, mas também nos movimentos das nações como um todo.

Nesta perspectiva, os anjos se relacionam não somente com cada homem, mas também com determinados grupos de homens, e com a criação de um modo geral. Neste sentido, o conhecimento das criaturas espirituais contribui no aprofundamento do significado do lugar do homem na criação.

67 AEROPAGITA, Pseudo-Dionísio. *A Hierarquia Celeste: O tratado clássico da angelologia cristã*. Tradução, comentários e notas explicativas Carin Zwilling. São Paulo: Editora Polar, 2015. 133p. p 84.

68 WASH, William, Thomas. *Nossa Senhora de Fátima*. São Paulo: Editora Quadrante, Sociedade de Publicações Culturais, 2015. 276p. p.49.

4 O ANJO É UM MENSAGEIRO PESSOAL

Considerando os conceitos apresentados anteriormente, observamos agora a função específica de “mensageiro” atribuída aos anjos. Como já observamos, os anjos são mensageiros, não apenas pelo significado de seu nome, mas, também, pela evidência histórica de sua atividade nos relatos bíblicos e hagiográficos. Sua participação efetiva na história da Redenção nos atesta sua importância e nos confirma sua contínua participação no caminhar da humanidade.

Uma dificuldade lógica que encontramos em nossa pesquisa é a identificação da figura do “Anjo do Senhor”, no Antigo Testamento, com o próprio Senhor. Apesar do Magistério afirmar a pessoalidade angélica⁶⁹, o problema em questão é, justamente, compreender até que ponto uma criatura pode representar o divino. A questão do “Malak Yahveh” do Antigo Testamento já foi muitas vezes estudada na história da angelologia.⁷⁰ A questão que nos direciona a atenção é propriamente esta: a distinção da identidade do personagem e a interpretação da relação deste mensageiro com o divino, com Deus.

No Antigo Testamento, o conceito hebraico de Anjo (Malak), é usualmente relacionado ao nome de Deus (Yahveh ou Elohim) e designa um ser enviado pelo mesmo (Deus), que executa uma determinada tarefa divina junto aos homens, como também já observamos nos capítulos anteriores. A relação entre Deus e seu mensageiro é a questão problemática, pois em alguns textos do Antigo Testamento não há esta distinção. Yahveh e Malak Yahveh, parecem, em determinados textos, serem o mesmo ser (como por exemplo: Gn 31, 11-13 e Ex 2, 1-6).

A partir desta problemática, podemos encontrar diversas exegeses bíblicas com teorias mais ou menos aceitas acerca do tema. Em alguns casos o anjo seria uma manifestação da segunda pessoa divina, que representa o Pai (que é invisível), fazendo uma alusão à Palavra Divina (ao logos); em outros casos se reconhece o anjo como uma representação antropomórfica de Deus (teoria da interpolação), para resolver o problema da transcendência divina, se introduzindo o anjo como uma “forma literária”; em outros casos ainda, teríamos a teoria psicológica de Fridolin

69 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 934p. n.330, p97.

70 Por exemplo: Berra, F (1974) *L'angelo del Signore: che significa?*, Domodossola; Gryson, R (1967) *L'Ange de Yahvé*, (Collectanea Mechliniensia) 52, 474-482; Rybinski, J (1930) *Der Malak Yahve*, Paderborn; e etc.

Stier⁷¹, que reconhece a ação do anjo como uma criatura, cuja ação, porém, realiza-se em conjunto com a ação de Deus; por fim, segundo o senso católico comum, entende-se por “Anjo do Senhor”, talvez não em todas as passagens bíblicas do Antigo Testamento, não o próprio Yahveh, mas um mensageiro criatura (criado por Deus) que age em nome de Deus com uma determinada missão celeste. A oração do *Ângelus*, tão comumente rezada pelos católicos ao redor do mundo, expressa essa concepção de maneira evidente. “*O Anjo do Senhor anunciou a Maria*”, como afirma o texto remete que, o mensageiro aqui, especificamente São Gabriel, se manifesta, em toda expressão literária e artística, bem como no próprio senso comum dos fiéis, não como o próprio Deus, mas como seu mensageiro pessoal.

É importante considerarmos que o mensageiro sempre é representado com uma intimidade profunda com quem o envia, pois está autorizado a agir em seu nome. Deus é o que transmite a mensagem, é o emissor por excelência, é Ele mesmo quem fala através do anjo. Por isso, certamente, a identificação do anjo com o próprio Deus seja, muitas vezes, inevitável. No entanto, considerando o contexto onde nos encontramos, quer dizer, observando agora, especificamente o Livro de Tobias, iremos perceber que, de fato, o mensageiro parece ser um ser pessoal, uma pessoa de natureza angélica, subordinado a Deus, que fala em seu nome e age por ordem d’Ele. Esta problemática da concepção de mensageiro enquanto um ser pessoal é a que buscamos, com nossa pesquisa, esclarecer e aprofundar.

71 NUNES, Rui Dinis. O Anjo do ‘supplices’ do Cânon Romano (2): Fundamentos bíblicos e Dogmáticos sobre as Funções Litúrgicas dos Anjos. [www.docplayer.com.br](https://docplayer.com.br/48180629-O-anjo-do-supplices-do-canon-romano-2-fundamentos-biblicos-e-dogmaticos-sobre-as-funcoes-liturgicas-dos-anjos-resumo.html), 2018. Disponível em: <https://docplayer.com.br/48180629-O-anjo-do-supplices-do-canon-romano-2-fundamentos-biblicos-e-dogmaticos-sobre-as-funcoes-liturgicas-dos-anjos-resumo.html>. Acesso em 20 de agosto de 2021.

MAPA DA MÉDIA ANTIGA



5 O LIVRO DE TOBIAS

5.1 Introdução ao livro de Tobias: uma novela teológica

O livro de Tobias é um dos livros deuterocanônicos da Bíblia Católica. Uma narrativa judaica, considerada canônica pelo Concílio de Cartago, em 397, e confirmada pelos Concílios posteriores, sobretudo o de Trento, em 1546, devido à negação protestante. No oriente, sua canonicidade é confirmada a partir do concílio de Constantinopla, denominado “In Trullo”, em 692. Este livro não está incluído na Bíblia hebraica, e sua importância para o povo de Israel, enquanto livro sagrado, não é clara. No entanto, faz parte integrante da literatura judaica, como livro de valor histórico para Israel.

Ao entrarmos em contato imediato com o livro de Tobias para estudar os testemunhos mais antigos que dele possuímos, surpreende-nos o fato de não ter sido incluído no cânon dos livros sagrados dos judeus. Sabemos com certeza que os judeus o utilizaram em aramaico e hebraico, e muito depressa o traduziram para as línguas vulgares da diáspora, especialmente o grego e o latim. De qualquer forma, a abundância de testemunhos antigos é sinal da grande estima que o livro de Tobias gozou, primeiro, entre os judeus e, depois, entre os cristãos.⁷²

Os manuscritos do Mar Morto (Qumrã) trouxeram quatro fragmentos em aramaico e um em hebraico do Livro de Tobias, confirmando a importância histórica do texto para o povo de Israel. Não há um consenso entre os estudiosos acerca da língua original. Orígenes não reconhece um Tobias de língua aramaica, já São Jerônimo parece ter tido contato com uma versão aramaica em suas traduções. Ambos, porém, não tiveram acesso à versão hebraica. Todos esses fatores contribuem para os questionamentos acerca da importância do livro em relação ao povo de Israel.

Portanto, segundo Orígenes, os hebreus não utilizam de maneira alguma o livro de Tobias; ao contrário, São Jerônimo conhece o livro de Tobias em versão aramaica, que ele traduz para o latim num único dia, com a ajuda de um judeu que falava perfeitamente o aramaico e o hebraico. Nem Orígenes nem São Jerônimo têm ideia de um Tobias em hebraico. No entanto, as

72 LÍNDEZ, José Vilchez. Tobias e Judite. 1ª ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 21.

descobertas em Qumrã nos surpreendem, com vários textos em aramaico e hebraico do livro de Tobias (...)⁷³

Alguns estudos afirmam que o livro de Tobias teria sido escrito por volta do ano 200 a.C. e que se trata de um estilo novelístico, pertencendo ao gênero sapiencial, pela gama de ensinamentos religiosos e morais contidos ali. Fica ainda a questão acerca do original. Para Líndez a probabilidade do original ter sido escrito em aramaico é a mais provável.

Independentemente dos textos fragmentários do livro de Tobias encontrados em Qumrã em aramaico e hebraico, a tradição nos transmitiu em grego duas formas textuais, praticamente completas, do livro, e uma terceira somente em parte. Em latim temos duas versões: a mais antiga ou *Vetus Latina* (VL) e a tradução de São Jerônimo ou *Vulgata* (Vg). As coincidências entre as três versões gregas são tão claras que necessariamente se supõe que entre elas há um tipo de dependência que não é fácil determinar; os especialistas ainda não estão de acordo.⁷⁴

As descobertas de Qumrã favorecem a teoria dos originais em aramaico e hebraico.

O estudo dos textos de Tobias encontrados em Qumrã inclinou a balança de forma considerável em favor desse parecer. J. T. Milik identificou e reuniu os fragmentos desses textos, e são dele estas palavras (em 1957): "Três dos manuscritos de Tobias [na realidade são quatro] estão em aramaico e um em hebraico. Foi-nos confiado seu estudo, e um primeiro exame nos sugere que o aramaico é a língua do original". Aceitamos essa afirmação como a mais provável.⁷⁵

Acerca do autor do livro de Tobias, não há dúvida que se trata de um judeu. Comentaristas dos mais diversos lugares e tempos estão de acordo com esta afirmação. Os exegetas discordam e debatem, até hoje, acerca do fato deste judeu ter sido Tobit ou Tobias, ou um personagem desconhecido. O que não se pode dizer não evidente é o conhecimento do autor acerca de toda cultura e fé judaica. O protagonista é um judeu fiel a Deus, que mostra a busca pela verdadeira sabedoria e felicidade no cumprimento da Lei de Deus.

O autor de Tobias era judeu. Essa é uma afirmação simples com a qual os comentaristas de todos os tempos estiveram de acordo. Que esse judeu tenha sido Tobit, Tobias ou outro personagem desconhecido é o que distinguiu os outros antigos exegetas dos mais modernos. (...) O autor foi, sem dúvida, um judeu, que provavelmente vivia na diáspora (do Oriente? do

73 LÍNDEZ, José Vílchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 22.

74 LÍNDEZ, José Vílchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 24.

75 LÍNDEZ, José Vílchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 27.

Ocidente?), temente a Deus e piedoso, como são os modelos propostos no livro e com os quais idealmente se identifica; respeitoso das tradições antigas (cf. 2,1; 14,9.12-14), do templo (cf. 13,13-18), dos escritos proféticos (cf. 2,6; 14,4), da lei de Moisés (cf. 1,6.8; 4,5; 6,13; 7,12) e de todas as suas prescrições sobre as visitas ao templo de Jerusalém (cf. 1,6; 5,14), sobre as oferendas, os dízimos e as primícias (cf. 1,6-8); os alimentos (cf. 1,11), as purificações (cf. 2,9;7,9), o matrimônio (cf. 1,9; 3,15; 4,12-13; 6,11-16; 7,10-14), o sepultamento dos mortos (cf. 1,17-19; 2,3-4.7-8; 4,3-4; 6,15; 12,12-13; 14,2.9.11-13), as orações (cf. 1,12;3,1-6;4,19;5,17;6,18;8,4-8.15-17;10,11;11,14.16-17;12,6.8.12.22-13,1-18;14,15). Além disso, foi exemplo de caridade para com os seus pelas esmolas (cf. 1,3.16;4,7-11.16;7,6;12,8-9;14,11) e outras obras de misericórdia (cf. 1,7;2,2;4,16); escrúpulos nas questões de justiça (cf. 2,13-14;4,14;5,10.15-16;12,1.4.8), na piedade com os parentes (cf. 4,3.4;10,13;14,12-13).⁷⁶

Os detalhes acerca de toda prática religiosa dos judeus, sobretudo dos judeus que viveram a diáspora, é clara em todo o livro. Considerando o possível momento histórico em que o livro foi escrito, onde a influência da cultura, religião e costumes helenistas ameaçavam a identidade do povo israelita, um livro como o de Tobias, para reafirmar a identidade do povo, parece razoável.

Tobit, o protagonista da história, é um dos deportados à Babilônia no tempo de Salmanasar V (726-722 a. C.) ou de seu sucessor, Sargão II (722-705 a. C.). O livro termina com a recordação da destruição de Nínive (612 a. C.). Todavia, esses acontecimentos são considerados, geralmente, muito distantes do momento em que foram consignados por escrito. Fora das interpretações antigas, nas quais o livro era tido como de memórias pessoais, as datas mais comuns entre os estudiosos vão do século IV a. C. ao alvorecer do século II, mas antes do surgimento dos macabeus. Alguns assinalam expressamente os arredores do ano 200 a.C., que me parece o mais provável.⁷⁷

Quanto ao gênero do livro de Tobias, há uma dupla possibilidade: a histórica e a catequética. Ambas possibilidades admitem uma série de variações, o que aumenta ainda mais as possibilidades. A riqueza de detalhes na narração leva a crer na possibilidade histórica do gênero. Alguns autores defendem ferrenhamente o gênero histórico no livro. Hoje, porém, há certo consenso entre os exegetas acerca do gênero ficcional, com o objetivo de ensino, atribuído ao livro.

No princípio do século, F. Vigouroux reafirma que "a realidade histórica de Tobias é testemunhada pelos detalhes minuciosos do relato, pela genealogia do personagem principal". Em 1925, L. Cl. Fillion escreve: "O livro de Tobias se nos apresenta como uma realidade vivida, com uma série de eventos objetivos, ao contrário da ficção e da alegoria". Ainda na metade do século XX se levanta, desafiante e discordante, a voz de R. Galdos, que defende a mais estrita historicidade do livro de Tobias. São os últimos

76 LÍNDEZ, José Vilchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 29.

77 LÍNDEZ, José Vilchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 30.

exemplares de uma atitude que resiste a desaparecer do meio exegético. Hoje em dia ninguém defende esse parecer.⁷⁸

De uma atitude mais rígida acerca da consideração histórica do livro, se passou para uma posição mais flexível, considerando apenas um núcleo histórico. O livro de Tobias passa a ser considerado como novela teológica ou livro sapiencial, cujo objetivo não seria apresentar um relato histórico apenas, mas uma doutrina. A corrente protestante é a que mais influencia a interpretação do livro como obra ficcional, ampliando, mais tarde, para o meio católico, a teoria.

Os intérpretes protestantes, quase como um eco de Lutero, vão negar a historicidade de Tobias e catalogá-lo entre as obras ficcionais. No decorrer do tempo, o parecer dos intérpretes será mais comum: aparam-se as arestas e desaparece a polêmica entre os aspectos literários e dogmáticos. Nesse momento, torna-se comum o parecer que defende que Tobias é uma obra ficcional.⁷⁹

O que podemos considerar como exegese atual acerca do livro de Tobias, é seu gênero ficcional, em estilo novela, com uma finalidade doutrinal. Sua importância para o povo de Israel se evidencia, sobretudo, num relato que confirma a ação de Deus na vida do judeu fiel à doutrina e preceitos. Torna-se de importância histórica, justamente pela narração detalhada da vida judaica no período do exílio, e evidencia a devoção angélica do povo de Israel ao apresentar um personagem de origem sobrenatural, como veremos adiante.

5.2 O conteúdo dos diálogos do anjo com os demais personagens

O livro de Tobias nos apresenta determinados diálogos, entre o anjo e os demais personagens da narrativa, sobretudo Tobit e Tobias. Esses diálogos também expõem a natureza do ser em questão (anjo) e o objetivo de sua intervenção. Apresentaremos aqui, de acordo com o objetivo deste trabalho, os diálogos contidos no livro de Tobias e as respectivas análises.

O primeiro diálogo, entre o anjo e um dos personagens, se dá quando Tobias sai a procura de um guia para a sua viagem. O livro relata que, ao sair, Tobias se encontra com Rafael, que estava “de pé diante dele” (Tb 5,4). Em seguida ocorre o primeiro diálogo entre os dois personagens.

78 LÍNDEZ, José Vilchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 33.

79 LÍNDEZ, José Vilchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 34.

Tobias saiu em busca de alguém que conhecesse o caminho e que fosse com ele à Média. Ao sair, encontrou Rafael, o anjo, de pé diante dele; mas não sabia que era um anjo de Deus. Disse-lhe, pois: "De onde és, jovem?" Respondeu-lhe: "Sou um dos filhos de Israel, teus irmãos, e vim procurar trabalho." Perguntou-lhe Tobias: "Conheces o caminho da Média?" "Sim", respondeu ele; "já estive lá muitas vezes e conheço em detalhe todos os caminhos. Fui à Média com frequência e hospedei-me na casa de Gabael, nosso irmão, que mora em Rages, na Média. São dois dias de viagem entre Ecbátana e Rages, pois Rages está situada na montanha e Ecbátana na planície." Disse-lhe Tobias: "Espera-me, jovem, que eu vou informar meu pai, porque preciso que venhas comigo; pagar-te-ei teu salário." Respondeu o outro: "Fico esperando, mas não demores." Tobias foi informar seu pai e disse-lhe: "Encontrei um homem, que é dos filhos de Israel, irmão nosso." E seu pai lhe disse: "Chama-o aqui, para que eu saiba a que família pertence e se é digno de confiança para que te acompanhe, filho." Tobias saiu, chamou-o e disse-lhe: "Jovem, meu pai está te chamando". (Tb 5,4-9)

A narrativa não explica exatamente como, e porque, o anjo está, exatamente, no lugar e momento em que Tobias precisaria. Como uma coincidência, ou, para um judeu devoto, providencialmente, ali estava o auxílio necessário, justamente com o conhecimento e a experiência suficiente para o serviço que o jovem buscava. A descrição do anjo como um jovem de belo aspecto coincide com as demais narrativas acerca dos anjos, em outras passagens bíblicas, como a visita dos três anjos a Abraão (cf. Gn 18). Líndez chama tal fato – a necessidade de um guia – de “pretexto magnífico” para introduzir o personagem na narrativa, e o fato de encontrar o anjo ali, pronto para tal empreitada, um fato extraordinário. A primeira apresentação do personagem angélico se dá do modo mais “humano” possível. Não há um evento ou fenômeno sobrenatural ou fantástico nesse momento. Com todas as características pessoais, o autor, de modo muito simples, introduz o anjo na narrativa.

Para esta longa e arriscada viagem é necessário um bom guia que conheça o caminho, que seja capaz de proteger o jovem Tobias e assim devolvê-lo são e salvo a seus pais. O pretexto é magnífico para introduzir o anjo do Senhor, representante visível da providência invisível de Deus sobre os homens, especialmente sobre os justos nos momentos mais decisivos de suas vidas.⁸⁰

O segundo diálogo se dá já dentro da casa de Tobit. Após o jovem Tobias avisar ao pai acerca do encontro de um possível guia para a viagem, Tobit pede ao filho que traga o jovem e ali se dá o segundo diálogo.

80 LÍNDEZ, José Vilchez. Tobias e Judite. 1ª ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 120.

O anjo entrou na casa e Tobit o saudou por primeiro. Ele respondeu: "Desejo-te grande alegria." Disse Tobit: "Que alegria posso ainda ter? Estou cego e não posso ver a luz do céu; estou mergulhado nas trevas como os mortos que não contemplam a luz; vivo como um morto; ouço a voz das pessoas, mas não as vejo." Disse-lhe o anjo: "Tem confiança, que Deus em breve te curará. Tem confiança!" Tobit lhe disse: "Meu filho Tobias quer ir à Média. Podes ir com ele e servir-lhe de guia? Eu te darei teu salário, irmão." Ele respondeu: "Posso ir com ele, pois conheço detalhadamente todos os caminhos e fui freqüentes vezes à Média, percorri todas as suas planícies e as suas montanhas e conheço todas as suas veredas." Disse-lhe Tobit: "Irmão, de que família e de que tribo és tu? Fala, irmão." Respondeu-lhe o anjo: "Que importa a minha tribo?" Tobit insistiu: "Gostaria de saber com segurança de quem és filho e qual é o teu nome." Respondeu-lhe o anjo: "Sou Azarias, filho do grande Ananias, um de teus irmãos." Disse-lhe Tobit: "Bem-vindo, irmão, salve! Não leves a mal, irmão, meu desejo de conhecer com certeza teu nome e tua família; acontece que és parente meu e pertences a uma família honesta e honrada. Conheci Ananias e Natã, os dois filhos do grande Semeias; eles iam comigo a Jerusalém, juntos lá adorávamos, e eles não se desviaram do bom caminho. Teus irmãos são homens de bem; descendes de ilustre estirpe. Sê bem-vindo!" E acrescentou: "Pagar-te-ei como salário uma dracma por dia, e dar-te-ei, como a meu filho, o que te for necessário. Viaja, pois, com meu filho, e depois ainda acrescentarei algo ao teu salário." O anjo respondeu: "Irei com teu filho, nada receies. Sãos partiremos e sãos regressaremos a ti, porque o caminho é seguro." Respondeu-lhe Tobit: "Bendito sejas, irmão!" Chamou seu filho e disse-lhe: "Filho, prepara as coisas para a viagem e parte com teu irmão; que lá vos proteja o Deus que está nos céus e que vos reconduza a mim sãos e salvos; e que seu anjo vos acompanhe com sua proteção, filho." Tobias saiu para empreender a viagem, e beijou seu pai e sua mãe. Tobit lhe disse: "Boa viagem!" (Tb 10,17)

No segundo diálogo vemos alguns elementos que são fundamentais para compreender um dos objetivos do autor: A manifestação de Deus, através do anjo, que vem em auxílio do justo. Esse auxílio se dá de modo "velado", no primeiro momento. Só o leitor sabe que o personagem é um anjo, que com as palavras "Tem confiança, que Deus em breve te curará", demonstra o consolo e a promessa de Deus ao seu servo. É preciso considerar também o significado da cegueira. A visão, para o autor, é essa ponte que liga a pessoa ao mundo dos vivos, a fonte do seu conhecimento. O cego já vive em "trevas", em "escuridão", portanto a promessa da visão é uma promessa de vida.

Para o autor, a visão é a fonte principal de conhecimentos, a ponte de comunicação mais importante do homem com o mundo que o rodeia. Rompida essa ponte, o homem se sente perdido num mundo de trevas, que deve parecer com o dos mortos, segundo a imagem tradicional do xeol dos semitas ou do hades dos gregos. (...)

A crença geral, e também a do autor, é de que as trevas dominam no reino dos mortos; elas são, também, o símbolo da própria morte. O que Tobit não

sabe, mas o leitor sim, é que diante dele está aquele que foi enviado por Deus para que de novo Tobit veja com seus olhos "a luz de Deus" (3,17).

As palavras do anjo — Tem confiança, que Deus em breve te curará. Tem confiança! — são, certamente palavras de consolo; todavia, mais que isso e sobretudo, são um anúncio da cura definitiva de Tobit. O leitor capta muito bem esse anúncio; o anjo pede a Tobit uma confiança ilimitada no poder do Senhor, razão por que repete duas vezes: Tem confiança.⁸¹

O anjo se coloca a serviço de Tobit e Tobias através de um personagem de nome Azarias. Surpreendentemente o jovem é israelita, conhece o caminho, inclusive o parente distante que mora no local para onde Tobias precisava ir.

Azarias esconde o misterioso personagem Rafael, que, por sua vez, encarna literalmente a proteção do Senhor. Nele, preparado para a viagem antes que Tobit o contrate, se faz visível e palpável a presença invisível do Senhor, que domina e guia os fios da história em geral e dos indivíduos em particular. (...) ⁸²

Poderíamos questionar a atitude "imoral" do anjo, considerando o fato da "mentira" em esconder seu nome, se apresentando como outra pessoa, dando dados da família, inclusive. Se um anjo é o ser que descrevemos nos capítulos anteriores, qualquer espécie de mentira seria um problema real a ser observado. Porém, analisando as diversas mudanças de apreciação no gênero literário, já citadas anteriormente, podemos considerar tal atitude não sob o aspecto moral, mas simbólico. Considerando ainda, como veremos no último diálogo, o "segredo do Rei", poderíamos interpretar tal segredo justamente como a identidade oculta do anjo em questão.

Sobre a identificação pessoal do anjo se escreveu muito, quase sempre na suposição de que no livro de Tobias se narra uma história real, feitos acontecidos em tempo e lugar determinados; o que criou um problema moral a mais a respeito da moralidade ou imoralidade da atitude do anjo, cujas palavras não correspondem à realidade. A mudança de apreciação no gênero literário do relato muda por completo o estado da questão. (...)

(...) A primeira resposta do anjo — Que importa a minha tribo? — manifesta algo comum nas presenças dos seres sobrenaturais: sua inefabilidade, e por isso a intenção de manter-se oculto, no mistério.

Diante da insistência de Tobit, o anjo cede e se apresenta com uma identidade falsa. Como vimos antes, na apresentação, não cabe levantar aqui uma discussão sobre a moralidade da resposta do misterioso personagem, posto que mente, ao fingir ser o que não é e ao identificar-se com uma pessoa estranha. (...)

81 LÍNDEZ, José Vílchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 127.

82 LÍNDEZ, José Vílchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 123.

(...) Como é norma no livro de Tobias, os antropônimos têm uma significação apropriada à sua função. Azarias significa "o Senhor ajuda, socorre"; é nome muito corrente depois da deportação. Ananias "o Senhor favorece", também é nome comum na mesma época pós-exílica. (...) ⁸³

A partir desse diálogo se percebe o protagonismo que o anjo adquire, e que irá conduzir a história. O anjo passa a ter um papel fundamental na narrativa, que, através de uma situação corriqueira – a contratação de um guia para uma viagem – esconde a verdadeira história que o autor deseja contar ao leitor.

A principal função destes versículos é introduzir no relato o personagem que há de ser, a partir de agora, o verdadeiro protagonista, o anjo do Senhor. Rafael. A condição que o autor impôs é a de não revelar a verdadeira identidade do guia aos personagens que intervêm no relato. Começa a parte da narração com um valor simbólico mais concentrado. A superfície simples do relato, a contratação de um guia experiente e companheiro de viagem, é como o tecido grosseiro visível, debaixo do qual se tece uma história real, mas escondida aos olhos profanos. ⁸⁴

O diálogo seguinte do anjo com outro personagem se dá durante a viagem, sobretudo quando o jovem Tobias é atacado por um peixe.

Partiu, pois, Tobias em companhia do anjo, e o cão os seguia. Caminharam juntos e aconteceu que, numa noite, acamparam à margem do rio Tigre. Tobias desceu ao rio para lavar os pés, quando saltou da água um grande peixe, que queria devorar-lhe o pé. Ele gritou e o anjo lhe disse: "Agarra o peixe e segura-o firme!" Tobias dominou o peixe e o arrastou para a terra. E o anjo acrescentou: "Abre o peixe, tira-lhe o fel, o coração e o fígado e guarda-os; joga fora os intestinos, pois o fel, o coração e o fígado são remédios úteis." O jovem abriu o peixe, tirou-lhe o fel, o coração e o fígado. Assou uma parte do peixe e comeu-a, e salgou o resto. Depois continuaram juntos a caminhada, até chegarem perto da Média. (Tb 6,2-6)

Percebe-se, durante toda a narrativa, a inexperiência de Tobias. O jovem nada faz sem a permissão dos pais ou daqueles que estão responsáveis por ele. Retrato que o autor deseja fazer, certamente, do jovem judeu exemplar. A submissão e obediência de Tobias no livro são impecáveis. Uma das características que o autor deseja enfatizar: Um pai justo tem filhos obedientes. Líndez evidencia, em sua análise, esta falta de experiência de Tobias.

83 LÍNDEZ, José Vilchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 129.

84 LÍNDEZ, José Vilchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 122.

Tobias aparece em todo o relato como um jovem bastante inexperiente nos assuntos importantes da vida. Ele nada faz por iniciativa própria: em casa está sob a autoridade do pai; durante a viagem não moverá um dedo sequer, se não for por indicação de seu guia e protetor.⁸⁵

Nesse diálogo percebemos a ação do anjo na proteção do jovem diante da adversidade. Porém, a intervenção do anjo não se dá diretamente. O anjo não defende o jovem retirando o peixe do seu caminho, mas ensinando e orientando o jovem em como defender-se, e extrair do peixe as partes de valor medicinal. Neste sentido podemos ter uma noção da visão do autor de como agem os seres angélicos, ou seja, não com uma intervenção direta, mas com sua influência e intercessão. Em seguida o jovem Tobias e o anjo continuam o diálogo. O anjo lhe explica os motivos pelos quais pediu que guardasse determinadas partes do peixe, o que já antecipa ao leitor as situações seguintes: a cura de Tobit e a libertação de Sara.

Então Tobias perguntou ao anjo: "Azarias, meu irmão, que remédio há no coração, no fígado e no fel do peixe?" Respondeu ele: "Se se queima o coração ou o fígado do peixe diante de um homem ou de uma mulher atormentados por um demônio ou por um espírito mau, a fumaça afugenta todo o mal e o faz desaparecer para sempre. Quanto ao fel, untando com ele os olhos de um homem que tem manchas brancas, e soprando sobre as manchas, ele fica curado." (Tb 6,7-9)

Nesta parte do diálogo vemos as instruções e explicações do anjo acerca das partes do peixe que serão úteis a Tobias no futuro. Interessante ressaltar o fato dele antecipar a situação que o jovem encontrará com sua futura esposa. Quando diz: "Se se queima o coração ou o fígado do peixe diante de um homem ou de uma mulher atormentados por um demônio", o anjo já está preparando o jovem para tal situação. Questão essa que podemos interpretar também como a ação angélica que, não somente protege, mas antecipa e prepara o seu custodiado para as situações de perigo futuras. O diálogo segue com mais instruções do anjo acerca do que o jovem Tobias encontrará ao chegar a Média.

Quando entraram na Média, estando já perto de Ecbátana, Rafael disse ao jovem: "Tobias, meu irmão!" Respondeu-lhe: "Eis-me aqui." E disse o anjo: "Esta noite ficaremos na casa de Raguel; ele é teu parente e tem uma filha de nome Sara; além dela, ele não tem nem filhos nem filhas. Tu és o seu parente mais próximo, tens mais direitos sobre ela do que todos os outros e

85 LÍNDEZ, José Vilchez. Tobias e Judite. 1ª ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 121.

é justo que sejas o herdeiro dos bens de seu pai. É uma moça prudente, corajosa, muito bela e seu pai tem-lhe grande amor." E acrescentou: "Tens o direito de tomá-la por esposa. Escuta-me, irmão. Esta noite falarei com o pai acerca da moça, para que te seja dada como noiva; e quando voltarmos de Rages, celebraremos o casamento. Tenho certeza de que Raguel não tem o direito de ta recusar, nem de dá-la a outro. Seria réu de morte, segundo a sentença do livro de Moisés, pois ele sabe que o parentesco te dá, de preferência a qualquer outro, o direito de tomar sua filha como esposa. Portanto, ouve-me, irmão: falaremos esta noite sobre a moça e pediremos que ta dêem em casamento. Quando voltarmos de Rages, a tomaremos para levá-la conosco à tua casa." (Tb 6,10-13)

O anjo conversa com o jovem acerca da situação parental, e dos direitos que o jovem possui, segundo sua linhagem, e como ele deve proceder. Nota-se que o anjo sabe exatamente como a lei funciona, e quais as prerrogativas e direitos contidos nela. O anjo está completamente a par de como se dá os matrimônios naquela sociedade. O ser angélico em questão não está alheio a nada da vida humana que ele acompanha. A sequência do diálogo é a resposta de Tobias que, sabendo da situação da moça teme por sua vida.

Tobias respondeu a Rafael: "Azarias, meu irmão, ouvi dizer que ela já foi dada a sete maridos e que todos morreram na noite de núpcias; morriam ao entrar onde ela estava. Também ouvi dizer que era um demônio que os matava, por isso tenho medo. A ela não faz nenhum mal, porque a ama; mata, porém, quem queira aproximar-se dela. Sou filho único; se eu morrer, farei descer ao túmulo a vida de meu pai e de minha mãe em consequência da sua tristeza por minha causa. Eles não têm outro filho que lhes dê sepultura." (Tb 6,14-15)

A situação de Sara já era pública. Após sete maridos mortos, sua "fama" já alcançava outros lugares. Explicação plausível para o jovem Tobias ter conhecimento do fato. O anjo já lhe havia informado detalhadamente as orientações acerca do casamento, em seguida ele dá as orientações de como se livrar do mal sobrenatural que aflige a moça.

Respondeu o anjo: "Não te lembrás das recomendações de teu pai, que te mandou tomar como esposa uma mulher da casa de teu pai? Ouve-me, irmão; não tenhas medo desse demônio e toma-a; sei que esta noite ta darão por mulher. E quando entrares no quarto nupcial, toma o fígado e o coração do peixe e coloca-os sobre as brasas do perfumador. O aroma se espalhará e, quando o demônio o respirar, fugirá e nunca mais aparecerá junto dela. Depois, no momento de unir-te a ela, levantai-vos ambos para fazer oração e suplicai ao Senhor do Céu que vos conceda sua graça e sua proteção. E não temas, pois ela te foi destinada desde o princípio, a ti compete salvá-la. Ela te seguirá, e te asseguro que te dará filhos que serão para ti como irmãos. Não te preocupes." Quando Tobias ouviu as razões de Rafael e soube que Sara era sua irmã, da linhagem da casa de seu pai,

enamorou-se de tal modo que seu coração não podia separar-se dela. (Tb 6,16-20)

O autor consegue reunir nesse trecho os diversos elementos que manterão a atenção do leitor sobre a história. Ainda que, de antemão já se tenha anunciado um final feliz, a tensão da situação leva o leitor a manter atento o desfecho de como se sairá, naquela situação, o jovem Tobias.

São muitas as circunstâncias adversas que concorrem, e grandes a serem vencidas. Estão em jogo interesses de ordem humana e sobre-humana. O leitor sabe que o anjo do Senhor é o mestre-de-cerimônia; mas Tobias não o sabe, e, entretanto, confia no Senhor.⁸⁶

Percebe-se que a viagem até a Média possui vários fins que vão sendo descobertos aos poucos. Muito mais que simplesmente recuperar um determinado valor emprestado, a narrativa vai demonstrando que estão inclusos na trama da história, e na missão do anjo, o casamento de Tobias, a libertação de Sara e a cura de Tobit. Ao chegarem em Ecbátana, Tobias pede a Rafael que o leve imediatamente até a casa de Raguel, pai de Sara.

Quando entraram em Ecbátana, disse Tobias: "Azarias, meu irmão, leva-me imediatamente à casa de nosso irmão Raguel." Conduziu-o, pois, à casa de Raguel e encontraram-no sentado à porta do pátio. Eles o saudaram primeiro e ele respondeu: "Desejo-vos grande alegria, irmãos, e que estejais com boa saúde!" E fê-los entrar em sua casa. Disse à sua esposa Edna: "Como esse rapaz se parece com meu irmão Tobit!" Edna perguntou-lhes: "De onde sois, irmãos?" Responderam: "Somos dos filhos de Neftali, deportados para Nínive." — "Conheceis Tobit, nosso irmão?" — "Conhecemos, sim", responderam. — "Ele está bem?" — "Vive e está bem." E Tobias acrescentou: "É meu pai." Raguel então levantou-se, beijou-o, chorou e disse: "Bendito sejas, filho! Tens um pai honrado e bom. Que infelicidade ter ficado cego um homem tão justo e tão bondoso!" Lançou-se ao pescoço de seu irmão Tobias e chorou. Também chorou sobre ele sua mulher Edna e sua filha Sara. Matou depois um carneiro do rebanho e fez-lhes calorosa recepção. (Tb 7,1-9)

Neste momento da narrativa se dão as devidas apresentações das famílias. A esposa de Raguel, Edna, é quem toma a iniciativa com o interrogatório. Necessário para confirmar os parentescos. Os judeus deportados a países estrangeiros costumavam formar comunidades nacionais, como em Nínive. Nessas localidades era comum que todos se conhecessem. A alegria em receber o parente distante

86 LÍNDEZ, José Vílchez. Tobias e Judite. 1ª ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 143.

contagia o leitor, que já percebe, sobretudo na emoção de Raguel, um desfecho emocionante. Porém a alegria de Raguel tornar-se-ia aflição em seguida. Tobias, sem demora, solicita ao anjo que interceda a Raguel para pedir a mão de Sara em casamento. Como dito anteriormente, Tobias não toma iniciativa senão sob orientação ou intercessão do anjo, certamente um “recado” que o autor pretende deixar enfatizado na história. O anjo, porém, dessa vez, sequer precisou dizer algo. Nota-se que, a partir daqui, vai se cumprindo a missão do anjo e o personagem vai assumindo uma posição coadjuvante. Conforme os fatos vão se cumprindo, de acordo com a intervenção do anjo, ele vai, aos poucos, se distanciando do centro da narrativa. O diálogo passa diretamente a Tobias e Raguel que, ouvindo o pedido do jovem, se antecipa e começa a advertir o jovem da situação em que se encontra sua filha.

Depois de se lavarem e se banharem, puseram-se à mesa. Tobias disse então a Rafael: "Azarias, meu irmão, dize a Raguel que me dê por esposa minha irmã, Sara." Raguel ouviu essas palavras e disse ao jovem: "Come e bebe e passa a noite tranqüilo, porque ninguém, a não ser tu, meu irmão, tem o direito de desposar minha filha Sara; de tal modo que nem mesmo eu tenho possibilidade de dá-la a outro, pois és meu parente mais próximo. Mas vou falar-te com franqueza, rapaz. Já a dei a sete maridos dentre nossos irmãos, e todos morreram na mesma noite em que entraram no seu quarto. Todavia, moço, agora come e bebe, e o Senhor vos dará sua graça e sua paz." Tobias respondeu: "Não comerei nem beberei até que resolvas a minha situação." Raguel lhe disse: "Está bem! É a ti que ela deve ser dada segundo a sentença da Lei de Moisés, e o Céu decreta que ela te seja dada. Recebe tua irmã. A partir de agora, tu és seu irmão, e ela é tua irmã. Ela te é dada a partir de hoje e para sempre. Que o Senhor do Céu vos faça felizes esta noite, filho, e vos dê sua graça e sua paz." Raguel chamou sua filha Sara e, quando ela se apresentou, tomou-a pela mão e entregou-a a Tobias, dizendo: "Recebe-a, pois ela te é dada por esposa, segundo a lei e a sentença escrita no livro de Moisés. Toma-a e leva-a feliz para a casa de teu pai. E que o Deus do Céu vos guie em paz pelo bom caminho." Chamou depois a mãe da moça e mandou que trouxesse uma folha de papiro, e redigiu o contrato de casamento, pelo qual dava a Tobias sua filha por esposa, conforme a sentença da Lei de Moisés. Depois disso, começaram a comer e a beber. Raguel chamou sua mulher Edna e disse-lhe: "Irmã, prepara o outro quarto e leva Sara para lá." Ela preparou, pois, o quarto, tal como lhe fora ordenado, e levou sua filha para lá. Chorou por causa dela, depois enxugou as lágrimas e disse: "Tem confiança, minha filha! Que o Senhor do Céu mude tua tristeza em alegria! Tem confiança, minha filha!" E saiu. (Tb 7,10-16)

Sara é filha única de Raguel, Tobias, filho único de Tobit, ambos possuem o direito de casarem-se. Percebe-se aqui o cumprimento, acerca do casamento de filhas únicas, previsto na lei de Moisés (cf. Nm 36,6-9). Apesar da lei não determinar que o varão da mesma tribo tenha de ser o parente mais próximo, o capítulo 27 do

livro dos Números, sobretudo nos versículos 8 a 11, relatam as leis sobre os herdeiros forçosos, quer dizer, do direito de herança que possui sobre o parente mais próximo. Tobias, nesse contexto, possui os direitos sobre todos os bens de Raguel. Sara, sem direito de sucessão, mas casando-se com Tobias, acaba por entrar no arranjo perfeito para manter-se com os bens de sua família. O autor criou o cenário jurídico perfeito para ambos os jovens. Obviamente duas pessoas, que se conhecem há poucas horas, não arranjam um casamento, uma situação que, logicamente, não é comum, mas que a narrativa admite para que se desenvolva toda a história. Em seguida se dão as tratativas acerca de como se dará o casamento e Tobias recebe a jovem como esposa. O anjo entra novamente em ação quando Tobias realiza, paulatinamente, as orientações dadas por ele – o anjo – para a noite de núpcias.

Quando acabaram de comer e beber, decidiram ir dormir; conduziram, pois, o jovem ao aposento. Recordou-se Tobias dos conselhos de Rafael e, tirando o fígado e o coração do peixe de dentro do saco onde os guardara, colocou-os sobre as brasas do perfumador. O cheiro do peixe expulsou o demônio, que fugiu pelos ares até o Egito. Rafael seguiu-o, prendeu-o e acorrentou-o imediatamente (Tb 8,1-3)

Esse trecho não é propriamente um diálogo da narrativa, mas a consequência de um deles, comentada também nesse trabalho, acerca da ação sobrenatural do anjo na libertação da jovem. Tobias realiza um “rito” exorcístico, e notamos que o autor passa da realidade natural para a sobrenatural com muita tranquilidade. A narrativa não parece ter a intenção de espetacularizar a ação sobrenatural. A missão do anjo parece clara: curar Tobit e libertar Sara da ação demoníaca. Para essa segunda, precisaria que ela casasse. Após tal libertação, iniciam-se os dias de festa do casamento, o que leva Tobias a preocupar-se com seus pais, que o esperam, e com o dinheiro que ele ainda precisava buscar. A solução é, novamente, pedir ajuda ao anjo.

Então Tobias chamou Rafael e disse-lhe: "Azarias, meu irmão, toma contigo quatro criados e dois camelos, e parte para Rages. Dirige-te à casa de Gabael, dá-lhe o documento, recebe o dinheiro e convida-o para que venha contigo para as bodas. Sabes que meu pai deve estar contando os dias e, se eu me demoro um dia a mais, dou-lhe um grande desgosto. Bem viste como Raguel me conjurou, de modo que não posso contrariar seu desejo." Rafael partiu, então, para Rages, na Média, com os quatro criados e os dois camelos, e pernoitaram na casa de Gabael. (Tb 9,1-5)

Percebemos, neste trecho da narrativa, que o motivo principal da viagem tornou-se secundário. A busca pela recuperação do valor que seu pai deixara com Gabael agora é apenas algo periférico. Porém, mesmo em se tratando de um tema que perdeu sua centralidade na narrativa, o anjo assume papel importante para o cumprimento do dever assumido.

O diálogo de Tobias com Rafael, porém, nesse momento parece mudar de tom. Tobias não se direciona mais a Rafael de modo inseguro, como quem busca um conselho ou orientação, mas parece ter adquirido, pelas experiências de responsabilidade (conduzidas e motivadas pelo anjo) aquela maturidade psicológica que trouxe a confiança, nele e no anjo, para solicitar o serviço de buscar o valor. O leitor sabe que Tobias poderia confiar em Rafael, por ele se tratar de um anjo, Tobias, porém, não. O que nos leva a perceber o desenvolvimento da confiança do jovem naquele que o guiou na viagem. Tobias solicita o serviço ao anjo para poder retornar a casa dos pais no tempo previsto. Azarias (o anjo) se mostra o mensageiro perfeito, que cumpre perfeitamente o que seu senhor ordenou. A viagem de Rafael, de ida e volta para Rages, a chegada de Gabael no casamento, bem como todo o desenvolvimento da narrativa até o retorno para Nínive não apontam outro diálogo do anjo com algum dos personagens. A única observação que podemos fazer é, pelo modo como Gabael chega e se dirige ao jovem Tobias, que Rafael certamente informou a Gabael acerca do casamento de Tobias e Sara. Excluindo isso, não parece haver nenhuma outra intervenção do anjo até o retorno a Nínive.

Na viagem de retorno, quando estão quase chegando em Nínive, Rafael se dirige a Tobias.

Quando chegaram perto de Caserin, que fica diante de Nínive, disse Rafael: "Sabes em que situação deixamos teu pai; corramos à frente de tua esposa, para preparar a casa, antes que ela chegue com os outros." Seguiram, pois, os dois juntos; o anjo lhe disse: "Toma contigo o fel." O cão seguia atrás deles.(Tb 11,1-4)

O diálogo, em seguida, são as orientações do anjo de como Tobias, com o fel do peixe, deveria curar seu pai. Notamos que, neste momento, o personagem parece retomar certo protagonismo na história.

Rafael disse a Tobias, antes que ele se aproximasse do pai: "Asseguro-te que se abrirão os olhos de teu pai. Unta-lhe os olhos com o fel do peixe, e o remédio fará as manchas brancas se contraírem, e elas cairão de seus olhos como escamas. Assim teu pai vai recuperar a vista e verá a luz". (Tb 11,7-8)

Assim aconteceu. Ao chegarem em Nínive, Tobias fez como o anjo lhe indicou e seu pai recuperou a vista. A narrativa então apresenta toda a festividade pela chegada do filho, são e salvo, e das boas notícias que trazia de Ecbátana, sobretudo de seu casamento, e da noiva que chegava logo após ele. Apesar de breve, este trecho da narrativa é o mais importante do livro. Finaliza-se a missão do anjo com a cura de Tobit. "Deus que cura" ou "Medicina de Deus" é o significado do nome Rafael.

Aqui podemos retomar Dionísio Aeropagita e Mckenzie acerca do nome, seu significado e relação com o ser mesmo. O nome, na concepção hebraica, sobretudo no Antigo Testamento, possui a conotação de determinado poder. O nome não sugere apenas significado próprio, mas também palavras de som semelhantes, o que faz o nome carregar consigo algo além do significado, mas o próprio poder da palavra.⁸⁷ A cura (libertação do demônio) de Sara e a cura da cegueira de Tobit são, no âmago da narrativa, a principal missão do anjo. O diálogo que segue após isso é a revelação do anjo aos seus protegidos. Tobit chama seu filho para que seja acertado com o guia o pagamento combinado. A surpresa virá precisamente neste próximo diálogo, onde o anjo se identifica como tal. Com a missão cumprida, caberia agora, aos seus protegidos, compreender a ação divina que viveram.

Vou dizer-vos toda a verdade, sem nada vos ocultar: já vos ensinei que é conveniente manter oculto o segredo do rei, mas que é honroso apregoar as obras de Deus. Quando tu e Sara fazíeis oração, era eu quem apresentava vossas súplicas diante da Glória do Senhor e as lia; eu fazia o mesmo quando enterravas os mortos. Quando não hesitaste em te levatares da mesa, deixando a refeição, para ires sepultar um morto, fui enviado para provar tua fé, e Deus enviou-me, ao mesmo tempo para curar-te a ti e a tua nora Sara. Eu sou Rafael, um dos sete anjos que estão sempre presentes e têm acesso junto à Glória do Senhor." Ficaram ambos cheios de espanto e caíram com a face em terra, com grande temor. Mas ele lhes disse: "Não tendes medo; a paz esteja convosco! Bendizei a Deus para sempre. Se estive convosco, não foi por pura benevolência minha para convosco, mas por vontade de Deus. A ele deveis bendizer todos os dias, a ele deveis cantar. Pareceu-vos que eu comia, mas foi só aparência. E agora, bendizei ao Senhor sobre a terra e dai graças a Deus. Vou voltar para Aquele que me enviou. Ponde por escrito tudo quanto vos aconteceu." E ele se elevou. Quando se reergueram, não o viram mais. Louvaram a Deus e entoaram

87 MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. [Tradução de Álvaro Cunha] 9.ed. São Paulo: Paulus, 2005. 979p. p.658.

hinos dando-lhes graças por aquela grande maravilha de haver-lhes aparecido um anjo de Deus. (Tb 12,1-21)

Rafael chama-os a parte (Tobit e Tobias) e revela-lhes sua verdadeira identidade. Antes, porém, lhes dá os últimos conselhos, que parecem evidentemente o objetivo do autor. A questão da piedade, da esmola, do jejum, são elementos presentes o tempo todo na narrativa.

Conhecemos a faceta do autor como mestre de sabedoria; Tb 4 é uma prova disso. Neste momento, o autor aproveita a autoridade moral do anjo do Senhor, Rafael, para recordar alguns conselhos que se adaptam ao contexto presente e à vida exemplar de seu protagonista principal.⁸⁸

Também lhes fala que é oportuno “manter oculto o segredo do rei”, isso pode ser uma referência de sua verdadeira identidade, também justificativa por não tê-la revelado anteriormente. Explica o motivo pelo qual foi enviado – as orações de Sara e Tobit – e seu objetivo: a cura de ambos.

No segundo estágio do presente capítulo, o anjo Rafael tira o véu de sua personalidade dissimulada. À afirmação que o jovem desconhecido fez de si mesmo, pressionado pelo premente desejo que Tobit tinha de conhecer sua família e sua tribo (cf. 5, 11-12): “Sou Azarias, filho do grande Ananias, um de teus irmãos” (5,13), corresponde a segunda afirmação, que descobre sua verdadeira identidade: “Eu sou Rafael, um dos sete anjos” sempre presentes diante do Senhor (12,15). Mas Rafael não se manifesta imediatamente; primeiro se faz de mestre de sabedoria (12,6-10) e depois revela suas funções e sua personalidade.⁸⁹

Ele se apresenta como “um dos sete que assiste ao trono de Deus”, não se apresenta especificamente, como “Arcanjo”, apesar do costume da Igreja de incluí-lo em tal Coro pela Tradição na fé em sete arcanjos, apesar de apenas três serem nominados. Essa Tradição remonta ao livro de Enoque, canônico apenas na Igreja Copta. Considerando a questão do “lex credenti, lex orandi”, que nos confirma a questão da Igreja não rezar aquilo que não crê, podemos considerar a fé da Igreja na crença da existência de sete, e não somente três arcanjos. Há capelas, por exemplo, dedicadas aos sete arcanjos, como um dos altares laterais da Catedral

88 LÍNDEZ, José Vilchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 213.

89 LÍNDEZ, José Vilchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 213.

Metropolitana da Cidade do México.⁹⁰ O livro de Tobias, juntamente com Apocalipse 8,2, são considerados como confirmação de tal crença. O número sete, porém, também é considerado de inspiração judaica (cf. Zc 3,9; 4,2; Ex 25,37), e não uma influência persa, pois nesse caso o número simbólico seria seis.⁹¹ O número sete não possui um significado unicamente matemático, mas simbólico. Ainda que a Tradição reconheça os sete arcanjos, o fundamental aqui é o fato do personagem fazer parte da corte do Senhor. Essa é a principal questão.

Obviamente, a questão do personagem ser considerado um Anjo ou Arcanjo, neste momento, não é central, dado que o objetivo principal deste trabalho é abordar a questão da pessoalidade do ser angélico. No entanto, a consideração do personagem como um “Arcanjo”, logicamente nos demonstra a importância que foi dada ao livro de Tobias, bem como ao seu personagem celeste, Rafael, que, independentemente da veracidade ou ficcionalidade creditada pelos exegetas, é considerado um ser pessoal pela Tradição da Igreja. Para corroborar tal Tradição, poderíamos, ainda, mencionar as aparições reconhecidas pela Igreja, do Arcanjo Rafael, como em Córdoba, Espanha, durante a peste em 1578, por exemplo.⁹²

Os diálogos apresentados neste capítulo têm como função, sobretudo, demonstrar a ação do ser angélico como pessoa, sem ignorar as demais características. Se a história em si, é verídica ou ficcional, não nos cabe aqui desenvolver tal tese. A evidência que se quer encontrar é a tratativa do livro em questão, em apresentar o anjo como um ser pessoal, e não apenas como uma manifestação divina desprovida de vontade e inteligência próprias.

Claramente, o objetivo do autor do livro de Tobias não foi desenvolver uma angelologia própria, tampouco especificar a natureza angelical. Seu principal objetivo é apresentar a ação misericordiosa de Deus na vida do justo. O anjo é, aqui, um mensageiro, ou seja, não aquele que realiza, propriamente dito, a graça, mas “o meio”, o “canal” pelo qual Deus mesmo age. O fato observado é: sendo Deus mesmo aquele que age através do anjo, deixa o anjo de ser um ser pessoal e passa a ser considerado exclusivamente uma manifestação de Deus? Deus mesmo pode agir através do homem, por exemplo, como no caso dos profetas (cf. Hb 1,1). Agindo

90 CATEDRAL METROPOLITANA DA CIDADE DO MÉXICO. Visita Virtual. hisour.com, 2018. Disponível em: <https://www.hisour.com/pt/mexico-city-metropolitan-cathedral-mexico-53090/>. Acesso em 10 de julho de 2018.

91 LÍNDEZ, José Vilchez. Tobias e Judite. 1ª ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 222.

92 BASÍLICA DEL JURAMENTO DE SAN RAFAEL (CÓRDOBA). Wikipédia.org, 2009. Disponível em: [https://es.wikipedia.org/wiki/Bas%C3%ADlica_del_Juramento_de_San_Rafael_\(C%C3%B3rdoba\)](https://es.wikipedia.org/wiki/Bas%C3%ADlica_del_Juramento_de_San_Rafael_(C%C3%B3rdoba)). Acesso em 10 de julho de 2018.

por meio do homem, deixa este – o homem – de ser um ser pessoal, com inteligência e vontade próprias?

Cristo é o “único mediador”, como bem nos afirma São Paulo (cf. 1Tm 2,5-6), no entanto, sem contradizer tal doutrina, é evidente que a Igreja sempre reconheceu a intercessão e participação, no plano sobrenatural, de outras criaturas. A Virgem Maria,⁹³ bem como a intercessão dos anjos⁹⁴ e dos santos,⁹⁵ atestam, segundo o Magistério eclesial, a concepção da participação das criaturas no plano salvífico.

No caso de Rafael, de fato, não é ele quem realiza a cura, mas aquele que intercede, colocando os meios para que tal graça aconteça, exatamente como a doutrina eclesiástica admite.

(...) Segundo a mente do autor, quem cura é Deus. Quanto a Tobit, o próprio anjo Rafael disse ao saudá-lo pela primeira vez: “Tem confiança; que Deus em breve te curará. Tem confiança” (5,10); Tobit o confirma: “Tobit confessava diante deles que Deus tivera piedade dele, que lhe abrisse os olhos” (11,17). Embora seja certo que é Azarias quem manifesta a Tobias a virtude medicinal do fel do peixe (cf. 6,9; 11,7-8), que surte seu efeito (cf. 11, 11-12). Quanto a Sara, também é Azarias quem revela a Tobias o que se sabe sobre a força curativa do coração e do fígado do peixe (cf. 6,8. 17-18), que de fato é eficaz (cf. 8,2-3); mas Raguel atribui tudo o que ocorreu à misericórdia do Senhor (cf. 8, 16-17). Entretanto, Tobias reconhece que essas curas e todos os demais benefícios lhe vieram por meio de Azarias: “Reconduziu-me são e salvo, libertou minha mulher, trouxe o dinheiro comigo e, enfim, te curou” (12,3); o que não invalida de modo algum a tese principal de que a causa maior de todos os benefícios, incluindo as curas, é Deus, o Senhor.⁹⁶

5.3 A angelologia no livro de Tobias: o conceito de mensageiro pessoal aplicado ao anjo, no livro de Tobias

O livro de Tobias traz o relato de duas famílias judaicas deportadas. Uma em Nínive e outra em Ecbátana. (Média = Mesopotâmia e Pérsia respectivamente). Em Nínive, Tobit, chefe da família e pai de Tobias, contrai a cegueira e envia seu filho para buscar uma determinada importância em dinheiro, assegurada na casa de um amigo, em uma cidade distante. O medo do pai é claro, por isso pretende deixar

93 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 934p. p.969.

94 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 934p. p.336.

95 CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 934p. p. 956.

96 LÍNDEZ, José Vílchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 221.

uma herança ao filho, diante de sua morte, aparentemente iminente. A cegueira de Tobit parece ser algo mais sério que a simples falta de visão.

A família de Ecbátama sofre de outro drama. A prima de Tobias, Sara, é atormentada por um demônio que a impede de consumir seu casamento, assassinando o noivo na noite de núpcias. Após sete casamentos, e conseqüentemente sete mortes antes mesmo da consumação do casamento, o desespero é nítido. A resposta de Deus à Sara e Tobit acontece ao mesmo tempo.

A primeira parte do livro de Tobias termina com uma boa notícia: as orações de Tobit e de Sara foram escutadas favoravelmente pelo Senhor. Desaparece, pois, a tensão do drama, mas não o interesse pelo relato, porque não sabemos como o que nos é anunciado antecipadamente será levado a cabo.⁹⁷

A angelologia no livro de Tobias parece não ser aquela que trata da natureza angélica em si, mas da função, ou ação do anjo como representante de Deus. O relato procura evidenciar a intervenção de Deus na vida do judeu fiel e o Anjo, ao que parece, é o instrumento para tal intervenção.

Na verdade, não encontraremos nenhum livro na Sagrada Escritura com tal objetivo (especificamente a explicação da natureza angélica), mas podemos citar diversos exemplos de sua função e ação, onde os anjos agiram como mensageiros da intervenção divina. Em Gênesis temos o episódio de Agar, que se encontra com um anjo durante a fuga de sua patroa (cf. Gn 16,7-11). Abraão, também no livro do Gênesis, ao levar seu filho Isaac para o sacrifício no monte Moriá, é interpelado por um anjo que interrompe o sacrifício (cf. Gn 22,9-18). O sonho de Jacob também é outro exemplo da participação dos anjos, como seres pessoais, que auxiliam nos planos divinos (cf. Gn 28,10-13). Deus mesmo promete a Moisés a companhia de um anjo no caminho para Canaã (cf. Ex 23,20-23). Davi também experimenta um encontro com o anjo, e neste encontro, também se percebe a distinção entre Deus e o executor das suas ordens (cf. 2Sm 24,16-17). Elias, quando no deserto se encontra num momento de profundo desânimo e tristeza, é fortalecido por um anjo (cf. 1Rs 19,3-8). O livro de Daniel, outro exemplo ainda do Antigo Testamento, traz diversas passagens onde os anjos aparecem, como quando para ajudar o profeta na interpretação de suas visões (cf. Dn 8,15-27). Poderíamos continuar uma extensa lista de passagens bíblicas, onde iremos verificar tais intervenções divinas, através

97 LÍNDEZ, José Vilchez. Tobias e Judite. 1ª ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 97.

dos anjos como mensageiros pessoais de Deus. Mas, o que nos interessa aqui é esta observação específica ao livro de Tobias, que, com lógico objetivo catequético, nos apresentará o anjo como instrumento divino.

Em Tb 3,16, quando se lê “e foi enviado Rafael”, temos essa confirmação. Deus escuta a oração de Tobit e Sara e envia o anjo para auxiliar e curar ambos. É durante a preparação para tal viagem que o personagem sobrenatural aparece como resposta às orações.

O autor utiliza em seu relato o personagem Rafael para fazer patente ou visível a tese fundamental do livro: a providência especial do Senhor sobre os justos, representados por Tobit e Sara, especialmente nos momentos difíceis das provas da vida, como são a cegueira de Tobit e o infortúnio de Sara com seus maridos.⁹⁸

O nome que o autor dá ao Anjo já demonstra o motivo de seu envio. Rafael, que quer dizer, “Deus cura”, já alerta o leitor para este aspecto. Deus, através do anjo, vem para curar Tobit e libertar Sara da ação demoníaca.

Neste versículo se expõe o resumo da história que se seguirá, ilumina-se o mistério. Rafael é nome de função, pois significa “Deus cura” ou “medicina de Deus”, como o próprio autor parece explicar quando diz que foi enviado para curar os dois.⁹⁹

Ainda que o nome designe sua função e o motivo de seu envio, ele também confirma a concepção bíblica do ser angélico. O nome “Rafael” expressa ao mesmo tempo, a ação de Deus e o ser mesmo do anjo.

Difundido fenômeno cultural é que o nome é considerado mais do que um rótulo convencional que distingue uma pessoa de outra. O nome tem uma misteriosa identidade com o seu portador; pode ser considerado um substituto da pessoa, agindo e recebendo em lugar dela. O nome é, frequentemente, significativo; ele não apenas distingue a pessoa, mas se pensa que indique algo do caráter da pessoa a quem pertence. Na literatura primitiva, o nome é a pessoa; lahweh está presente e ativo onde o seu nome é invocado, onde ele é conhecido e reconhecido.¹⁰⁰

O anjo, aqui, é aquele que, enviado por Deus, vem em auxílio do fiel piedoso para curá-lo e ajudá-lo no caminho. Ainda que os personagens não tenham conhecimento pleno de quem é Rafael, o autor do livro já o chama de anjo fazendo os leitores conscientes da natureza do personagem. O autor constrói um relato

98 LÍNDEZ, José Vílchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 99.

99 LÍNDEZ, José Vílchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 99.

100 MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. [Tradução de Álvaro Cunha] 9.ed. São Paulo: Paulus, 2005. 979p. p.658.

fantástico com personagens da terra e do céu; somente ele e seus leitores reconhecem o anjo, evidenciando o objetivo do relato; ou seja, estritamente religioso.

“Tobias saiu em busca de alguém que conhecesse o caminho e que fosse com ele à Média. Ao sair, encontrou Rafael, o anjo, de pé diante dele; mas não sabia que era um anjo de Deus.” (cf. Tb 5,4). De modo providente, o anjo está como que a espera do jovem. A introdução do personagem angélico se dá de uma maneira em que ele vai assumindo um papel fundamental na narrativa. A história dependeria deste personagem para que terminasse bem. O autor insiste, nesta parte da narrativa, em manter apenas os leitores conscientes da ação sobrenatural, dando a percepção de que, sem uma visão piedosa acerca da vida, não se percebe a ação divina.

O extraordinário da narração começa no próprio momento em que Tobias sai de sua casa. Ali mesmo, junto à porta de sua casa, Tobias encontra um homem de pé diante dele, em traje de viajante, como se o estivesse esperando. O narrador, que sabe tudo por ser o criador da narração e de seus personagens, revela ao leitor que quem está de pé diante de Tobias, o homem que faz o encontro, é Rafael, o anjo, mas Tobias não sabia que era um anjo de Deus.¹⁰¹

A angelologia no livro de Tobias confirma a concepção israelita comum de “anjo”, enquanto ser celeste, de origem sobrenatural, que intermedia o mundo dos homens e o divino.

A ideia de uma corte celeste, de uma assembléia do conselho do Deus de Israel ocorre já em textos mais antigos do Antigo Testamento. Em obras apocalípticas tardias do Antigo Testamento e, depois, do Antigo Testamento atribui-se a esses seres celestiais, um importante papel intermediário entre os reinos do mundo e o reino de Deus: Deus age e aparece através de anjos. A vitória definitiva do reino de Deus é anunciada pelos anjos.¹⁰²

Ainda que o livro não aparenta preocupar-se com a natureza angélica, pode-se notar, através do relato, qual a concepção que se tem de tal ser, pelo seu comportamento, aparência e ação. O anjo age como pessoa, intervém não apenas como uma força sobrenatural extraordinária, mas age pessoalmente, assumindo a aparência humana e se relacionando com os demais personagens. A pergunta, se o anjo é uma expressão da divindade, ou se é um ser pessoal, que age em nome da divindade, é a resposta que queremos chegar ao término deste trabalho. Tobias

101 LÍNDEZ, José Vílchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 124.

102 BECKER, Udo. Dicionário de símbolos. [tradução de Edwino Royer]. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1999. – (Coleção dicionários). 307p. p. 22.

encontra-se com o anjo que se apresenta como um Israelita, ou seja, na forma humana.

Agora, meu filho, procura um homem de confiança para teu companheiro de viagem, e lhe pagaremos pelo seu trabalho até a tua volta; vai e recupera esse dinheiro junto a Gabael. Tobias saiu em busca de alguém que conhecesse o caminho e que fosse com ele à Média. Ao sair, encontrou Rafael, o anjo, de pé diante dele; mas não sabia que era um anjo de Deus. Disse-lhe pois: “De onde és, jovem?”. Ele respondeu: “Sou um dos israelitas, teus irmãos, e vim procurar trabalho.”¹⁰³

Se o autor pretende apresentar o anjo como uma personificação de Deus, ou como um ser pessoal, que age sob as ordens de Deus, não parece ser o objetivo do relato. Os anjos, como enviados e mensageiros, não possuem autonomia própria, mas cumprem uma missão determinada. As duas concepções, porém, muitas vezes se confundem, pois ambas interpretações parecem possíveis. No caso do livro de Tobias, o autor, com clareza apresenta o anjo como sinal da providência divina, isto sem dúvida. A natureza do ser é a questão que permanece em análise.

O fio condutor da segunda parte do livro é a viagem. O autor do livro apresenta uma situação favorável para introduzir o personagem angélico.

A principal função destes versículos é introduzir no relato o personagem que há de ser, a partir de agora, o verdadeiro protagonista, o anjo do Senhor, Rafael. A condição que o autor impôs é a de não revelar a verdadeira identidade do guia aos personagens que intervêm no relato. Começa a parte da narração com um valor simbólico mais concentrado. A superfície simples do relato, a contratação de um guia experiente e companheiro de viagem, é como o tecido grosseiro visível, debaixo do qual se tece uma história real, mas escondida aos olhos profanos.¹⁰⁴

É durante a viagem que o relacionamento entre o anjo e o jovem vai se tornando sólido. Assim como no trajeto da vida humana, a intimidade com o anjo vai se tornando uma realidade. Rafael, em Tb 6,4, ao proteger Tobias do perigo, evidencia a crença no serviço da proteção angélica prestada aos homens e o modo como ela acontece. Sua proteção não é simplesmente colocar-se entre o jovem e o perigo. Quando o suposto peixe ataca Tobias, Rafael não toca no peixe. O anjo orienta o jovem em como se livrar da situação, mas não intervém diretamente no ato. Isso será diferente, mais adiante, quando se encontrar com o demônio, ou seja, quando se tratar da realidade sobrenatural. Este trecho, de certo modo, demonstra a

103 Tb 5,3b – 7a

104 LÍNDEZ, José Vilchez. Tobias e Judite. 1º ed. São Paulo, Editora Paulinas, 2006. 556 p. p. 122.

ação do anjo na vida do homem. Não age de modo extraordinário, manifestando-se diretamente na matéria, mas incitando, iluminando na consciência humana a solução do problema, como sugestão. Isto vem a entrar de acordo com a tese de São Tomás, quando fala em como os anjos iluminam, de modo pessoal, a realidade humana.

Como essa na ordem da divina providência, que os seres inferiores estejam submetidos às ações dos superiores, conforme já se disse (q. 109, a. 2; q. 110, a. 1), em relação aos anjos inferiores, iluminados pelos superiores; assim também os homens, inferiores aos anjos, são por estes iluminados. Mas o modo dessas iluminações é, em parte, semelhante e, em parte, diverso. Pois, como se disse (q. 106, a. 1), a iluminação, que é a manifestação da divina verdade, é considerada a dupla luz: enquanto o intelecto inferior é reforçado pela ação do superior; e enquanto são propostas ao intelecto inferior as espécies inteligíveis do superior, para que possam ser apreendidas por aquele. E isto nos anjos se faz quando o anjo superior divide com o inferior, segundo a capacidade deste, a verdade universal concebida, como já se disse (Ibid). Mas o intelecto humano não pode apreender a verdade inteligível, em si mesma, por que lhe é conatural inteligir voltando-se para os fantasmas, conforme já ficou estabelecido (q. 84, a. 7). E por isso os anjos propõem aos homens a verdade inteligível, debaixo de semelhanças sensíveis, conforme ensina Dionísio, dizendo que é impossível que chegue até nós a luz dos raios divinos, sem que seja circunvelada pela variedade dos sagrados véus. Mas por outro lado, o intelecto humano, como inferior, é fortificado pela ação do intelecto angélico. E nestes dois pontos de vista é que se considera a iluminação que o homem recebe do anjo.¹⁰⁵

5.4 Finalidade da presença do anjo no livro de Tobias e sua mensagem angelológica fundamental

Não somente a proteção se evidencia durante a viagem. Toda instrução dada pelo anjo ao jovem de como proceder, seja com os elementos retirados do peixe para a expulsão do mal (cf. Tb 6,5-6), e da cura de seu pai, como as próprias orientações de como deveria proceder na noite de núpcias (cf. Tb 6,17-19), também refletem a ação angélica na vida humana, através agora da orientação das faculdades do homem para o aprendizado das coisas boas, como afirma São Tomás na citação anterior. A presença do personagem parece querer definir a finalidade do ministério angélico, quer dizer, orientar o homem para a sua realização plena, para o plano de Deus.

Da mesma forma que ele não o protege agindo diretamente, mas ensinando como se defender, o anjo não realiza a retirada das partes do peixe ou realiza o “rito”

105 AQUINO, Tomás de. Suma Teológica. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016. Vol 2. 903p. p.810.

de jogar o fígado nas brasas, ao chegarem em Ecbátana. Ele ensina o jovem como proceder, não procedendo ele mesmo no seu lugar. A ação do anjo se dará diretamente no confronto com Asmodeu, com o demônio que aflige a família de Sara, prendendo-o no deserto do Alto Egito (cf. Tb 8,3), deixando claro o “onde” o anjo age diretamente, quer dizer, na realidade estritamente sobrenatural. Essa evidência demonstra a concepção da angelologia tobítica da ação angélica. A finalidade da presença do anjo parece ir mais além do simples acompanhar o viajante. O autor do livro de Tobias parece nos indicar que a presença do anjo leva o fiel a um amadurecimento em diversas áreas de sua existência.

A narração do livro de Tobias, no que diz respeito ao personagem angélico, portanto, não se preocupa em demonstrar o anjo enquanto um ser pessoal, mesmo que em tudo ele seja como uma pessoa. O que se evidencia, com clareza, é a fé judaica de que os anjos agem como pessoas. Na comunicação entre o mundo angélico e o humano, em casos extraordinários, a força angélica parece fluir de tal modo que pode ser captada pelos sentidos humanos, dando-nos um sinal da sua natureza. Para que o homem possa compreender a mensagem trazida pelo anjo, se faz necessário a personificação, quer dizer, o anjo necessita adquirir este matiz ou aparência humana para que a comunicação se faça possível. Podemos citar como exemplos desta teoria: o anúncio do Anjo Gabriel a Maria (cf. Lc 1,26-38), o Anjo no túmulo no dia da ressurreição (cf. Mc 16,5-7), os Anjos no dia da ascensão (cf. At 1,10-11), a soltura dos Apóstolos da prisão por um Anjo (cf. At 5,17-21), dentre outras.

Ainda que a pessoa angélica e a pessoa humana sejam diferentes no que diz respeito à sua natureza, na inter-relação das duas realidades, um, “de certa maneira”, assume a forma (aparência) do outro, para que a mensagem chegue a seu termo. Neste sentido é possível afirmar que o anjo é, não somente uma “figura”, “representação” ou “símbolo” da divindade, mas um ser pessoal, com inteligência e vontade próprias, que age sob as ordens de Deus, um mensageiro pessoal.

5.5 Atualidade da mensagem do livro de Tobias

A mensagem fundamental do Livro de Tobias permanece atual, sobretudo no que diz respeito à devoção aos anjos. Ainda hoje, cristãos do mundo inteiro pedem a intercessão destes seres sobrenaturais e confiam na sua ação. Os incontáveis

relatos históricos nos levam a questionar o fenômeno. De modo particular, nas últimas décadas, sobretudo com a ascensão do tema “anjos e demônios” evidenciada em tantos documentários, livros, filmes e séries que apresentam estes seres.

A necessidade de tratar do tema dos anjos e dos demônios é latente. São João Paulo II afirma em suas catequese¹⁰⁶ a contribuição que a angelologia pode trazer ao homem moderno. O estudo da angelologia pode favorecer enormemente o aprofundamento nos mistérios de Deus, Criador das coisas visíveis e invisíveis, e também o esclarecimento para uma devoção de fato católica dos Santos Anjos, já que vivemos em um cenário no qual esta disciplina (a angelologia) é fortemente marcada pela superstição. É preciso apresentar uma angelologia genuinamente católica, para que possamos distinguir com clareza a sã doutrina. Estamos num momento histórico em que, facilmente, de um lado caímos num exagero sobrenatural dos fatos e, do outro, numa racionalização completa, que exclui a ação espiritual.

Neste sentido, o Livro de Tobias, numa exegese sóbria, nos convida a um relacionamento consciente com o tema. Os anjos, ainda que não de modo extraordinário, como no livro, estão à disposição da humanidade para ajudá-la, sempre sob as ordens de Deus. Eles não irão interferir diretamente nas ações humanas materiais, como Rafael não interfere quando o peixe ataca o jovem, ou quando o jovem possui dúvidas acerca de como proceder com o casamento amaldiçoado, ao menos não enquanto não adentrarmos a escatologia. Através de uma orientação dada com simplicidade, o anjo mostra o caminho ao jovem, que esclarecido, resolve o problema. A forma como o anjo age, hoje, através destas motivações às nossas consciências, manifesta a continuidade do ministério angélico na vida dos homens. Poderíamos, então, discutir acerca do que, em nossa consciência, seria inspiração divina, angélica, ou simplesmente humana, mas neste caso, entraríamos numa outra reflexão, tão importante e necessária, porém não concomitante com o objetivo deste trabalho: a consciência humana e suas deformações atuais. O que é inegável é o fato da necessidade de esclarecermos o

106 JOÃO PAULO II. Audiência de 9 de julho de 1986: “Criador das coisas visíveis e invisíveis”. Cidade do Vaticano: L' Osservatore Romano, ed. Port., no dia 13 de julho de 1986. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1986/documents/hf_jp-ii_aud_19860709.html>. Acesso em: 03 Jun 2018.

real papel e a função destes seres para a fé cristã, de modo que se possa, com sobriedade e maturidade, estabelecer um relacionamento sadio com o tema.

6 CONCLUSÃO

O tema da Angelologia não se esgota facilmente, mas carece de bibliografia na língua portuguesa, sobretudo no Brasil. Encontramos, com muitíssima facilidade, diversos trabalhos e livros acerca dos anjos, com uma concepção esotérica e supersticiosa. Publicações acerca da angelologia católica, ao contrário, são escassas. Mesmo as obras que tratam acerca do tema de modo geral, são também limitadas. Isso talvez seja um dos motivos pelos quais a concepção acerca dos anjos tenha tomado um rumo tão diferente da realidade cristã.

Como São João Paulo II afirma em suas catequeses,¹⁰⁷ e nós citamos no trabalho, o tema pode parecer menos vital ou distante da mentalidade do homem moderno. No entanto, o estudo da angelologia pode contribuir enormemente com o aprofundamento do mistério de Deus, e também para o esclarecimento de uma devoção madura aos Santos Anjos, numa atualidade onde a angelologia é fortemente marcada pela superstição, pela gnose e pelo esoterismo. Estamos num momento histórico oportuno para o estudo dos temas transcendentais. O sentimento de vazio, o enraizado individualismo social, cuja atual situação de pandemia fortaleceu ainda mais, a perda do sentido da vida, evidenciado pelo grande número de jovens interessados no suicídio, ao mesmo tempo em que se nota uma fuga de tudo o que envolve o tema da morte, a desorganização histórica, a constante mudança de significado das ideologias modernas, a crescente busca por caminhos espirituais alternativos desligados de qualquer instituição, também motivados pelo isolamento social, a sensação de orfandade e a crise do sentido de futuro, são evidências de uma sociedade que está com sua capacidade de abertura ao transcendente em xeque.

O estudo da angelologia, com consciente seriedade, pode ser uma alternativa a algumas respostas presentes no interior do homem atual. A importância de estudarmos uma angelologia profundamente bíblica e católica parte do princípio das novas buscas que vemos em nossos dias. Novamente se está buscando, em

107 JOÃO PAULO II. Audiência de 9 de julho de 1986: "Criador das coisas visíveis e invisíveis". Cidade do Vaticano: L' Osservatore Romano, ed. Port., no dia 13 de julho de 1986. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1986/documents/hf_jp-ii_aud_19860709.html>. Acesso em: 03 Jun 2018.

práticas muito semelhantes às daquelas culturas pagãs,¹⁰⁸ o relacionamento com o transcendente. Um relacionamento correto com esta dimensão da fé certamente trará benefícios a todos os católicos e interessados. Neste sentido, a pesquisa quer evidenciar a possibilidade de aprofundamento que a área da angelologia pode oferecer, ainda hoje, à busca de sentido na inspiração, na Revelação e na investigação acadêmica.

A angelologia bíblica, após o Concílio Vaticano II, entrou num período de certa latência investigativa. Após uma verdadeira supervalorização da Sociologia, da Psicologia, da Filosofia e, inclusive, da Antropologia na Teologia moderna, o processo racional torna-se o único critério de análise para a explicação da Revelação. A teologia moderna, dando ênfase à fraternidade e à imanência, viu-se com certa dificuldade de tratar dos assuntos periféricos da ciência teológica que adentrassem o mundo invisível. O tema da angelologia carece de uma nova abordagem pastoral diante das buscas de sentido e de transcendência do ser humano contemporâneo.

Tratar dos anjos, obviamente não como o centro da Revelação, mas como parte integrante importante, torna-se, portanto, um desafio atual, que abre ainda mais as possibilidades de interpretação da mesma, da compreensão do homem, e de seu papel na história da salvação. Afirmar, ainda, que o anjo é um ser pessoal, obriga-nos a observar com mais cuidado o que a Teologia tem a dizer acerca da natureza destes seres que, de alguma forma deixados como uma categoria secundária, acabaram por se tornarem objetos de culto supersticioso. É mais que necessário tomarmos a cabo o desenvolvimento de uma angelologia legitimamente católica, aprofundando e valorizando este tema, para melhor compreensão do homem e de Deus.

Considerando, ainda, a questão levantada por Santo Irineu, quando trata do homem como imagem e semelhança de Deus, poderíamos fazer a mesmíssima pergunta acerca dos anjos: sob quais aspectos, especificamente, poderíamos dissertar sobre os anjos como imagem e semelhança de Deus? Se a pergunta acerca do homem como imagem e semelhança, teria a resposta teologicamente

108 O termo utilizado frequentemente é "neopaganismo", que identifica a grande variedade de movimentos religiosos modernos, sobretudo os surgidos após 1970, influenciados pelas crenças pagãs pré-cristãs européias. São extremamente diversificados, incluindo o politeísmo, o animismo, o panteísmo e outros paradigmas. O neopaganismo está presente, principalmente, em países desenvolvidos, sobretudo nos Estados Unidos, Reino Unido e Europa Continental. Atualmente a maior religião neopagã é a Wicca, seguida do Neodruidismo, neopaganismo germânico e neopaganismo eslavo. (cf. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Neopaganismo>).

mais adequada “imagem e semelhança do Filho”, seria possível afirmar que os anjos seriam imagem e semelhança “do Espírito Santo”? Ou seria, por outro lado, a escola agostiniana, desenvolvida por São Tomás, a mais coerente, afirmando serem também os anjos dotados das três faculdades que expressam o ser imagem de Deus na inteligência, no conhecimento e no amor? Como seria a estrutura específica e quais os aspectos desta questão na pessoa angélica?

Se para Santo Irineu o próprio da imagem é ser visto na sua capacidade de traduzir em termos visíveis o invisível, e o Espírito Santo torna-se “visível” em sua ação – exatamente como os anjos se tornaram visíveis apenas em função de sua missão –, então, seria possível afirmar que o homem é imagem e semelhança de Deus encarnado, enquanto o anjo é a imagem e semelhança de Deus-Espírito?

Essas elucubrações certamente serviriam para um novo trabalho de pesquisa ou um trabalho ainda mais aprofundado. Cabe a nós aqui levantar as hipóteses, evidenciando a possibilidade real de aprofundamento do tema. O que é indubitável é o fato de que a angelologia é um dos campos teológicos que ainda nos apresentam grande chance de estudo e aprofundamento.

REFERÊNCIAS

- AEROPAGITA, Pseudo-Dionísio. **A Hierarquia Celeste**: O tratado clássico da angelologia cristã. Tradução, comentários e notas explicativas Carin Zwilling. São Paulo: Editora Polar, 2015. 133p.
- AGOSTINHO, Santo. **A natureza do Bem**. / Santo Agostinho; tradução Carlos Ancêde Nougé. 1º ed. Rio de Janeiro, RJ. Editora Sétimo Selo, 2005. 115p.
- AQUINO, Felipe Rinaldo Quiroz de. **Os Anjos**. 7º ed. Lorena, SP: Editora Cléofas, 2015. 160p.
- AQUINO, Tomás de. **Sobre os anjos**. Rio de Janeiro: Sétimo Selo Editora Ltda., 2006. 229p.
- _____. **Suma Teológica**. 2ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Livraria Sulina Editora; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1980. – Vol. I. 456p.
- _____. **Suma Teológica**. 2º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016. Vol 1. 699p.
- _____. **Suma Teológica**. 2º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016. Vol 2. 903p.
- _____. **Suma Teológica**. 2º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016. Vol 3. 543p.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **A problemática da Antropologia Teológica**. Rio de Janeiro: PUCRIO, 2013. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22735/22735.PDF>>. Acesso em: 03 Jun 2018.
- AVE-MARIA, Equipe Editorial (Org.). **Chave bíblica católica**. 2.ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2012. 496p.
- BECKER, Udo. **Dicionário de símbolos**. [tradução de Edwino Royer]. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1999. – (Coleção dicionários). 307p.
- BERARDINO, Angelo di, FEDALTO, Giorgio e SIMONETTI, Manlio. **Dicionário de Literatura Patrística**. 1º ed. São Paulo, Editora Ave-Maria, 2010.1694p.
- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2013.
- BÍBLIA, **Bíblia do Peregrino**. 2º ed. São Paulo, Editora Paulus, 2006.
- BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento. [Tradução de Celso Eronides Fernandes]. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012. 1263p.

_____. **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos.** [Tradução de Celso Eronides Fernandes]. São Paulo: Paulus, 2018. 1783p.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. A leitura da criação e da antropologia teológica a partir das relações de gênero. **Interações – cultura e comunidade.** Uberlândia: PUCMINAS, 2012. Disponível em: <
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/viewFile/6194/5720>>. Acesso em 03 Jun 2018.

CARNEIRO, Marcelo e GOMES, Silvio. **Manual de Angeologia** / Marcelo Carneiro e Silvio Gomes (Organizadores). 1º ed. São Paulo, SP: Editora Fonte Editorial, 2017. 437p.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 934p.

CENTRO: INFORMÁTICA E BÍBLIA E ABADIA DE MAREDSOUS. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia.** Traduzido por Fr. Ary E. Pintarelli e Fr. Orlando A. Bernardi. São Paulo, Editoras: Paulus, Paulinas, Edições Loyola, 2013. 1402p.

CHEVALLIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos; Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** Rio de Janeiro: José Olympio, 30. Ed, 2017 (orig. fran).

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos.** [tradutor Rubens Eduardo Ferreira Frias]. 4.ed. São Paulo: Centauro Editora, 2005. 614p.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Exorcismos: reflexões teológicas e orientações pastorais.** 1º ed. Brasília: Edições CNBB, 2017. 63p. (Subsídios Doutriniais, 9).

_____. **Ritual de Exorcismos e outras súplicas.** São Paulo: Paulus, 2005. 92p.

COSTA, Maximiliano Gonçalves da. **O homem na visão antropologia teológica.** Goiânia: Instituto Santa Cruz, 2012. Disponível em: <
<https://institutosantacruz.wordpress.com/2012/12/04/o-homem-na-visao-da-antropologia-teologica/>>. Acesso: 03 Jun 2018.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral.** 40.ed. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2007. 1467p.

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA BÍBLIA. Publicação dirigida pelo Centro “Informática e Bíblia” da Abadia de Maredsous, Bélgica. [tradução de Ary E. Pintarelli e Orlando A. Bernardi]. São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2013. 1402p.

DOCUMENTOS DO VATICANO II. Edição Bilingue. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1966. 703p.

FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. **Mysterium Salutis**: Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica. Volume 2. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1973. 175p.

FERRETTI, Augusto. **Os santos anjos da guarda**. [tradução e adaptação de R. Vellozo]. 1.ed. Taubaté, SP: Editora SCJ, 1945. 211p.

FORTEA, José Antonio. **Summa Daemoniaca**: Tratado de Demonologia e Manual de Exorcistas. 1º ed. Lisboa: Editora Paulus, 2010. 340p.

_____. **Exorcística**: Cuestiones sobre el Demonio, la Posesión y el Exorcismo. 1º ed. México: Editora El Arca, 2008. 245p.

_____. **História do mundo dos Anjos**. 1º ed. São Paulo, SP: Editora Palavra & Prece, 2012. 144p.

GALVÃO, Antônio Mesquita. **Os Anjos existem?** 1º ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994. 102p.

HOLBÖCK, Ferdinand. **Summa angelorum**: unidos com os anjos e os santos. São Paulo: Paulus, 2016. 463p.

KEHL, Medard. **A Igreja**: Uma Ecclesiologia católica. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Edições Loyola, 1997. 415p.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004. 1967p.

LÍNDEZ, José Vílchez. **Tobias e Judite**. São Paulo: Paulinas, 2006. – (Coleção Bíblia e história. Série Maior). 556p.

MAZZALI, Alexandre. **Demonologia e psiquiatria: do real ao imaginário**. 1º ed. Campinas, SP: Editora Ecclesiae, 2017. 135p.

MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. [Tradução de Álvaro Cunha] 9.ed. São Paulo: Paulus, 2005. 979p.

MISSAL ROMANO. 3º ed. São Paulo: Paulus, 1992.

NOVO COMENTÁRIO BÍBLICO SÃO JERÔNIMO: ANTIGO TESTAMENTO. Tradução: Celso Eronides Fernandes, São Paulo, Editoras Academia Cristã; Paulus, 2012. 1264p.

O LIVRO DE ENOCH. Traduzido por Márcio Pugliesi e Norberto de Paulo Lima. Curitiba, Editora Hemus, 2003. 212p.

OLIVEIRA, Renato Alves de. A antropologia da imagem de Deus: uma aproximação bíblico-teológica. **Interações – cultura e comunidade**. Uberlândia: PUCMINAS, 2012. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/html/3130/313028475006/>>. Acesso em 03 Jun 2018.

PIO XII. **Carta Encíclica *Humani generis***. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1950. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis.html>. Acesso em: 03 Jun 2018.

RAMOS, Natália. **Os anjos em nossa vida**. 1.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. 139p.

RÉGAMEY, Pie-Raymond. **What is an angel?**. New York: Hawthorn Books Publishers, 1960. 126p.

RICONDO, Ignacio Suárez. **Posibilidades de una angelologia elaborada desde la perspectiva de la persona**. Disponível em: < <https://institutumsapientiae.files.wordpress.com/2011/07/sc-2011-05-inc3a1cio.pdf>>. Acesso em 03 Jun 2018.

SCHREIBER, Milton (org.). **Antropologia teológica I: Deus criador e sua obra criada**. Itapeçerica da Serra, SP: Instituto “Maria Mater Ecclesiae”, 2010. 69p.

_____. **Síntese teológica**. Itapeçerica da Serra, SP: Instituto “Maria Mater Ecclesiae”, 2012. 176p.

TERRA, João Evangelista Martins. **A angelologia de Karl Rahner à luz dos seus princípios hermenêuticos**. 10 ed. Aparecida do Norte, SP: Editora Santuário, 2000. 405p.

_____. **Anjos e Demônios na Bíblia**: Revista de Cultura Bíblica Vol V – n.17 e18. São Paulo, Edições Loyola, 1981. 169p.

TAVARD, Georges. **Los ángeles**. Madrid, La Editorial Católica, 1973. – (Biblioteca de autores cristianos). 91p.

WASH, William, Thomas. **Nossa Senhora de Fátima**. São Paulo: Editora Quadrante, Sociedade de Publicações Culturais, 2015. 276p.

REFERÊNCIA DE ARTIGO E/OU MATÉRIA EM SITE

AGUSTÍN. IN: OLIVEIRA, Renato Alves de. A antropologia da imagem de Deus: uma aproximação bíblico-teológica. Interações – cultura e comunidade. Uberlândia: PUCMINAS, 2012. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/html/3130/313028475006/>>. Acesso em 03 Jun 2018.

AZEVEDO, Walmor Oliveira de. Repercussões hermenêuticas da cristologia paulina. www.cnbb.org.br, 2008. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/repercussoes-hermeneuticas-da-cristologia-paulina/>. Acesso em 05 de junho de 2018.

BASÍLICA DEL JURAMENTO DE SAN RAFAEL (CÓRDOBA). Wikipédia.org, 2009. Disponível em: [https://es.wikipedia.org/wiki/Bas%C3%ADlica_del_Juramento_de_San_Rafael_\(C%C3%B3rdoba\)](https://es.wikipedia.org/wiki/Bas%C3%ADlica_del_Juramento_de_San_Rafael_(C%C3%B3rdoba))). Acesso em 10 de julho de 2018.

CATEDRAL METROPOLITANA DA CIDADE DO MÉXICO. Visita Virtual. hisour.com, 2018. Disponível em: <https://www.hisour.com/pt/mexico-city-metropolitan-cathedral-mexico-53090/>. Acesso em 10 de julho de 2018.

DAMIÃO, Sérgio Albuquerque. Antropologia de Santo Ireneu. PUCRIO, 2007. Disponível em: http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2007/relatorios/teo/teo_sergio_albuquerque_damiao.pdf. Acesso em 08 de junho de 2018.

HAMELIN, Guy. Eternidade de Deus e eternidade do mundo em Boécio. UNB, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/471/428>. Acesso em 03 de junho de 2018.

HAMMAN, Albert Gautier. IN: OLIVEIRA, Renato Alves de. A antropologia da imagem de Deus: uma aproximação bíblico-teológica. Interações – cultura e comunidade. Uberlândia: PUCMINAS, 2012. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/html/3130/313028475006/>>. Acesso em 03 Jun 2018.

JOÃO PAULO II. Audiência de 9 de julho de 1986: “Criador das coisas visíveis e invisíveis”. Cidade do Vaticano: L’ Osservatore Romano, ed. Port., no dia 13 de julho de 1986. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences/1986/documents/hf_jp-ii_aud_19860709.html>. Acesso em: 03 Jun 2018.

NUNES, Rui Dinis. O Anjo do ‘supplices’ do Cânon Romano (2): Fundamentos bíblicos e Dogmáticos sobre as Funções Litúrgicas dos Anjos. www.docplayer.com.br, 2018. Disponível em: <https://docplayer.com.br/48180629-O-anjo-do-supplices-do-canon-romano-2-fundamentos-biblicos-e-dogmaticos-sobre-as-funcoes-liturgicas-dos-anjos-resumo.html>. Acesso em 20 de agosto de 2021.

OLIVEIRA, Renato Alves de. A antropologia da imagem de Deus: uma aproximação bíblico-teológica. Interações – cultura e comunidade. Uberlândia: **PUCMINAS**, 2012. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/html/3130/313028475006/>>. Acesso em 05 de junho de 2018.

PIRATELI, Marcos Roberto. O Conceito de Homem em Santo Agostinho. **www.ppe.uem.br**, 2009. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/pdf/66.pdf>. Acesso em 08 de junho de 2018.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br